



COMPORTAMENTOS MAIS SEGUROS PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Redação

Filipe Costa Galo Tomé de Carvalho (CICV)

Fernanda Puoci Vogel Ribeiro (CICV)

Revisão Técnica

Ana Cristina Brito C. Monteiro Weinstein (CICV)

Flávia Tatiana Ferreira Caetano (CICV)

Janaína de Souza dos Reis Domingos (CICV)

Karen Evelice Cerqueira Fernandez (CICV)

Lívia Schunk Pereira (CICV)

Regislany de Sousa Moraes (CICV)

Edição

Sandra Lefcovich (CICV)

Gabriela Borelli (CICV)

Gabriela Guedes (CICV)

Diagramação e ilustrações

Kairós

Chefe da Delegação Regional do CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai
Simone Casabianca-Aeschlimann

Chefe Adjunto da Delegação Regional do CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai
Filipe Costa Galo Tomé de Carvalho

Agradecimentos

Aos interlocutores dos municípios do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Florianópolis, Porto Alegre e Fortaleza, parceiros que muito contribuíram para a realização deste guia e para a validação da metodologia dentro da realidade das cidades brasileiras.

SUMÁRIO

1	Apresentação	4
2	Objetivo da Metodologia e da Oficina de CMS	8
3	Recomendações Gerais sobre a Oficina de CMS	12
3.1	Planejando a Oficina	13
3.2	Durante a Oficina	15
4	Metodologia	18
4.1	Técnicas Pedagógicas para Oficinas de Comportamentos Mais Seguros	20
4.2	Os 3 Passos Para a Adoção de Comportamentos Mais Seguros	26
PASSO 1	Gestão de Riscos no Contexto da Violência Armada em Meio Urbano	30
I	Contexto da Violência Armada em Meio Urbano	30
II	Conceitos de Sinal, Risco e Crise	33
III	Gestão de Riscos: Reconhecendo Sinais e Diagnosticando Riscos para Adotar Medidas de Segurança	41
PASSO 2	Compreendendo Comportamentos Mais Seguros	46
I	Comportamentos Mais Seguros no Contexto da Violência Armada	50
II	Identificando os Locais Mais Seguros	60
PASSO 3	Multiplicando Comportamentos Mais Seguros	62
5	Dicas Importantes	74
6	Anexos	78

Apresentação

O Guia Pedagógico para Oficinas de Comportamentos Mais Seguros (CMS) procura fornecer conhecimento e ferramentas para a formação de facilitadores das instituições, para que possam ministrar as Oficinas de CMS aos profissionais que atuam em unidades de serviços públicos essenciais, a fim de prevenir, reduzir e mitigar os riscos de seus profissionais e beneficiários frente a situações de violência armada.

Para a elaboração deste Guia, foi utilizado como referência o universo escolar (unidades escolares, profissionais da educação, alunos e seus familiares). No entanto, é importante ressaltar que a metodologia CMS pode ser trabalhada com qualquer profissional que atue na prestação de serviços públicos essenciais (saúde, assistência social, entre outros).

Após terem passado pela Oficina de CMS, espera-se que esses profissionais desenvolvam a capacidade de avaliar o contexto do território onde atuam, observando e identificando sinais de riscos, a fim de instrumentalizá-los para agir preventivamente na redução e mitigação de riscos, assim como adotar comportamentos que possam limitar as consequências da violência armada caso ocorra uma crise de segurança.

A adoção de comportamentos mais seguros, para além da mudança de comportamentos no cotidiano de trabalho e em momentos de crise, pressupõe a transformação de olhares frente à dinâmica da violência armada que afeta os territórios, nortear ações e condutas que minimizam riscos.

Os facilitadores formados pelo CICV nos treinamentos de CMS serão responsáveis por conduzir o processo de multiplicação do CMS em sua instituição, por meio da organização e realização de Oficinas de Comportamentos Mais Seguros direcionadas aos profissionais e às escolas.

No Anexo deste Guia, encontram-se os instrumentos para a realização da atividade em grupo proposta no Passo 3 e um modelo para que os profissionais da educação comecem a pensar nos aspectos mínimos ne-

cessários para a elaboração de um plano de contingência, para que possam organizar condutas e estejam preparados para agir frente a uma situação de risco ou crise. O documento com a apresentação da Oficina de CMS por meio digital será compartilhado pelo CICV para servir de material de apoio aos facilitadores.

Esperamos que a leitura e aplicação deste Guia Pedagógico contribua com a estruturação das Oficinas de CMS pelos facilitadores, e que o resultado seja de efetivas transformações para gestores, profissionais e beneficiários das escolas ■

Desejamos a todos um ótimo trabalho.

Objetivo da Metodologia e da Oficina de CMS

A metodologia de **Comportamentos Mais Seguros (CMS)** foi elaborada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), que adaptou seus protocolos internos e regras de segurança utilizados por seus profissionais no terreno para atender às demandas e necessidades dos serviços públicos essenciais do Brasil que atuam em áreas afetadas pela violência armada.

O objetivo da metodologia CMS é reduzir e mitigar as consequências humanitárias da violência armada em meio urbano que afeta os profissionais e beneficiários dos serviços públicos essenciais.

A demanda de profissionais e gestores em implementar, com o apoio do CICV, a metodologia CMS se deu a partir do quadro de violência armada que se configura atualmente no Brasil, expondo as pessoas a situações de risco em áreas conflagradas.

A **Oficina de Comportamentos Mais Seguros (CMS)** consiste em uma capacitação dirigida aos profissionais dos serviços públicos essenciais (saúde, educação, assistência social ou outros) onde serão trabalhados conceitos como **análise de sinais do território, diagnóstico, identificação e gestão dos riscos observados**, sempre remetendo à lógica de como a **adoção de determinadas condutas e comportamentos**, assim como o reconhecimento de **locais mais seguros**, pode reduzir e mitigar danos individuais e coletivos relacionados à violência armada, contribuindo para a melhoria da qualidade do acesso da comunidade aos serviços públicos que lhe são essenciais.

Quando adotados adequadamente, de forma organizada e sistemática, os CMS podem reduzir a exposição à violência armada, assim como suas possíveis consequências humanitárias.

Embora saibamos que não exista risco zero quando se trabalha em áreas sensíveis, a adoção de comportamentos mais seguros possibilita que os profissionais exerçam as suas funções de maneira mais segura. Isto

contribui para a proteção e melhoria das condições de trabalho dos profissionais, assim como para a manutenção e ampliação da oferta dos serviços de maneira eficaz, favorecendo a população.

A adoção de CMS protege também toda a rede de beneficiários que utilizam os serviços, a exemplo dos alunos e suas famílias, usuários de uma unidade da estratégia saúde da família, pacientes de uma unidade de assistência social e seus familiares, no momento em que preconiza também a orientação de todas estas pessoas frente a situações de risco ou durante uma crise de segurança ■

Recomendações Gerais sobre a Oficina de CMS

Para construir a **Oficina de Comportamentos Mais Seguros** é necessário, em um primeiro momento, fazer um planejamento adequado e elencar tarefas de forma clara e precisa para facilitar o processo de trabalho.

Veja a seguir algumas recomendações que devem ser observadas no planejamento e durante a oficina para facilitar a sua realização. Observe que estes são pontos importantes que devem ser pactuados e validados previamente entre os facilitadores:

3.1. PLANEJANDO A OFICINA



1) **Convite e sensibilização dos participantes:** a forma adequada de realizar o convite para a oficina é fundamental, não apenas para que os profissionais tenham um entendimento prévio sobre o CMS, mas para que desde o primeiro momento sejam sensibilizados quanto à sua importância, a fim de que se comprometam a participar da oficina em sua integralidade e a multiplicar comportamentos mais seguros posteriormente na escola;



2) **Escolha do local da oficina:**

- Observe as recomendações de segurança, para que a oficina seja realizada em local mais seguro;
- Priorize essa atividade fora da escola de origem dos profissionais a serem treinados para evitar que percam o foco e se desviem para outras atividades da escola;
- Detalhes de infraestrutura também precisam ser observados, como:

- Espaço físico que comporte o número de participantes planejado;
- Número suficiente de cadeiras para todos os participantes;
- Mesas para suporte dos materiais da oficina;
- Ventilação adequada: presença de ventiladores, ar condicionado, etc.

A observação de todos estes aspectos é importante para a garantia do **conforto dos participantes** e da **confidencialidade** que a oficina demanda;



3) Planeje o número de facilitadores por oficina: dois a três facilitadores fazem um bom trabalho! Esta quantidade é suficiente para ministrar a Oficina de CMS. Caso existam outros facilitadores na instituição, eles podem se direcionar a outras atividades, ministrando, por exemplo, outras oficinas que possam ocorrer em um mesmo momento. Desta forma, multiplica-se a potencialidade do grupo de facilitadores, que poderão cumprir diferentes tarefas simultaneamente, não se atendo o grupo todo a uma mesma atividade;



4) Planeje os intervalos, programe as pausas e informe aos participantes: pode parecer um detalhe pequeno, mas um intervalo bem organizado faz com que haja menos interrupções e necessidades de pausas durante a oficina, limitando as distrações;



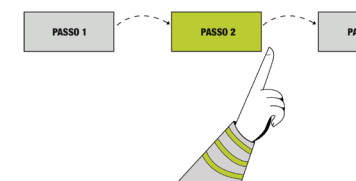
5) Familiarize-se com a metodologia CMS e com a apresentação em Power Point: leia cada passo do Guia CMS com antecedência e explore o conteúdo previamente para se preparar para a oficina. Todos os que atuarão na multiplicação da metodologia CMS precisam se apropriar do conteúdo teórico e ter suas falas alinhadas para que todos os profissionais da instituição recebam orientações de forma semelhante;



6) Faça uma Lista de Verificações (Check List): sugerimos o uso da lista de verificações como forma de organizar as tarefas e planejar com antecedência e eficiência todos os

recursos necessários. A lista de verificações contribui para que nenhum detalhe seja esquecido.

3.2. DURANTE A OFICINA DE CMS



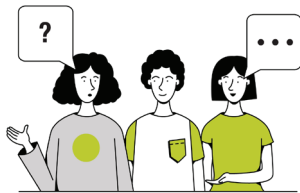
1) Conduza o passo a passo deixando clara a relação de continuidade: ao iniciar cada passo, faça uma breve referência ao que será abordado, mas faça também referência ao passo anterior para criar condição de continuidade. P.ex.: “Estamos no ponto... vimos até aqui...e agora vamos entrar no passo...que fala sobre...”. Fique atento ao tempo de duração recomendado para cada passo;



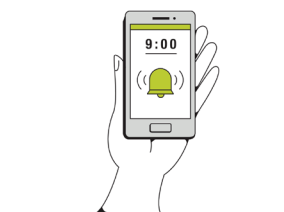
2) Momento catarse: alguns momentos da oficina podem reativar, nos participantes, memórias de situações traumáticas vivenciadas relacionadas à violência armada. Nestes casos, facilite o processo de catarse deixando que o participante fale sobre sua experiência, estimulando sempre nos outros participantes da oficina a escuta respeitosa e confidencial. Reserve alguns minutos da oficina para este momento, mas fique atento caso se prolongue demais, e cordialmente retome a fala para voltar ao foco da oficina;



3) Fomente a participação de todos: o facilitador deve promover a participação de todos os profissionais nas atividades da oficina, estimulando o compartilhamento de vivências e experiências. Para que isto aconteça, é importante que os facilitadores criem um ambiente de confiança e confidencialidade desde os primeiros momentos da oficina;



4) **Facilite o compartilhamento de reflexões**, conhecimentos e opiniões, zelando para que sempre sejam respeitados os tempos de fala e que todos sejam ouvidos de forma respeitosa;



5) **Seja rigoroso com o tempo**: administre bem o tempo destinado a cada atividade. O cumprimento dos acordos favorece a percepção de organização da equipe de facilitadores e expressa o respeito aos profissionais que participam da oficina;



6) **Avalie a Oficina!** Ao final de cada oficina, faça uma avaliação por meio de ferramentas avaliativas que colem impressões, críticas ou elogios dos participantes;



7) **Registre, sempre!** Registre sistematicamente as atividades realizadas, anote as falas mais pertinentes durante a oficina, guarde a lista de presença e compile as considerações dos participantes sobre os pontos positivos e negativos da oficina. Isto facilita a elaboração de relatórios de seguimento, contribuindo com a memória institucional e permitindo a análise posterior do trabalho realizado.

Lembre-se sempre dos principais objetivos da Oficina de CMS:

- Ampliar a capacidade dos profissionais de **análise do território** a partir da **compreensão da dinâmica da violência** no local onde atuam;
- Trabalhar a competência de observação de sinais que podem desencadear riscos;
- Contribuir para a capacidade de **identificação dos riscos** do território a partir da **observação dos seus sinais**;
- Fornecer ferramentas aos profissionais que **possibilitem**

a **gestão de riscos identificáveis**;

- Fomentar a importância da adoção dos **Comportamentos Mais Seguros** no **dia a dia de trabalho** e no **momento de uma crise de segurança**, visando a prevenção, redução e mitigação de riscos operacionais;
- Contribuir para a identificação de **Locais Mais Seguros**;
- Promover e compartilhar ferramentas para viabilizar a multiplicação da metodologia CMS nas escolas para profissionais e alunos.

Na seção a seguir, veremos recomendações sobre como trabalhar a metodologia CMS, iniciando com as técnicas pedagógicas recomendadas e os detalhes acerca de sua condução durante as Oficinas de CMS ■

Metodologia

A Oficina de CMS para profissionais da educação é dividida didaticamente em três momentos, conforme descrito no quadro a seguir:

PASSOS	TEMA	O QUE SERÁ TRABALHADO?
1	Gestão de Riscos no Contexto da Violência Armada em Meio Urbano	Conceituação de violência armada em meio urbano, importância da análise de contexto, compreensão dos conceitos de sinal, risco e crise, e gestão de riscos.
2	Compreendendo Comportamentos Mais Seguros	Conceituação dos comportamentos mais seguros propriamente ditos, que se subdividem em medidas preventivas e medidas que limitam consequências, e conceituação de local mais seguro (na escola e na comunidade).
3	Multiplicando Comportamentos Mais Seguros	Estratégias de como replicar comportamentos mais seguros na escola e como realizar um simulado de comportamentos mais seguros com profissionais e alunos.

O facilitador e a gestão local devem compreender que a Oficina de CMS é construída como um processo lógico e progressivo, sendo imprescindível que todos estes conceitos sejam abordados na ordem recomendada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), conforme descrito neste Guia.

Preconizamos também que as oficinas sejam realizadas em um período de **doze horas**, que podem ser divididas da forma que for mais pertinente para o órgão da educação, desde que não ultrapasse 15 dias para a sua finalização. Recomendamos que seja dividida em **dois dias**.

Para que o facilitador trabalhe cada passo de forma pertinente, aproximando-se da realidade dos participantes, sugerimos que a metodologia do CMS seja balizada por exemplos reais para aproximar a teoria da prática. Perguntas disparadoras podem contribuir, sendo colocadas ao longo da oficina, como por exemplo: *“Como são estas relações na prática? Como vocês enxergam o que foi trabalhado agora no seu dia a dia de trabalho? Como é a dinâmica da violência armada no local onde você atua?”*

Algumas técnicas pedagógicas serão descritas neste Guia para contribuir com este formato pedagógico dialogado, a fim de potencializar o processo de aprendizagem e fomentar espaços de discussão. Contribuem também para o dinamismo e a integração do grupo durante a oficina.

4.1 TÉCNICAS PEDAGÓGICAS PARA OFICINAS DE COMPORTAMENTOS MAIS SEGUROS

Quando pensamos no significado do termo “oficina”, vem à mente um espaço de trabalho destinado à construção, à elaboração de algo por meio de atividades práticas. Por isso, deu-se o nome de Oficina à forma de trabalhar os conceitos dos Comportamentos Mais Seguros, pois, com a utilização de determinadas técnicas pedagógicas e dinâmicas em grupo, os participantes são convidados a construir e compreender de forma interativa e dialogada os conceitos fundamentais que devem nortear a adoção dos comportamentos mais seguros. Desta maneira, os participantes se apropriam do conteúdo de forma reflexiva, construindo os conceitos coletivamente, sempre de forma participativa, e relacionando a teoria com suas experiências vivenciadas no dia a dia.

O facilitador deve orientar os profissionais no sentido de que podem ser utilizados outros recursos e também outras técnicas pedagógicas que achem pertinentes e que possam contribuir com o aprendizado de comportamentos mais seguros. Na imagem na página seguinte, é possível visualizar as diferentes técnicas que serão descritas mais detalhadamente nas próximas seções deste Guia.

Técnicas Pedagógicas para Oficinas de Comportamentos Mais Seguros



Veja a seguir as técnicas pedagógicas que podem ser utilizadas durante a oficina e como realizá-las:

TÉCNICA PEDAGÓGICA	O QUE É?	COMO REALIZAR?
Contrato de Convivência	Acordos de conduta estabelecidos desde o início da oficina a fim de otimizar o processo de trabalho e evitar distrações. P.ex.: evitar utilização de celulares, colocar celular no silencioso, evitar saídas frequentes desnecessariamente, evitar conversas paralelas, respeito à confidencialidade da oficina, etc.	• Cole um papel pardo ou craft em uma parede para que fique visível a todos e escreva na parte de cima “Contrato de Convivência”; • Realize perguntas disparadoras, como: “Que comportamentos e condutas devem ser adotados para que a oficina transcorra da melhor forma possível?”; • Respostas naturalmente surgirão. Se não ocorrerem, os facilitadores podem ajudar; • Deixe o contrato exposto durante todo o tempo da oficina. Caso algum participante apresente uma atitude fora do acordado, retome a ordem fazendo referência ao contrato; • Se nenhum dos participantes citar algo que considera importante, como o respeito à confidencialidade da oficina, acrescente à lista.

TÉCNICA PEDAGÓGICA	O QUE É?	COMO REALIZAR?
Catarse 	Alguns assuntos abordados durante a oficina podem remeter a situações traumáticas vividas pelos participantes relacionadas a violência armada ou de que foram testemunhas. A catarse refere-se ao momento em que as pessoas sentem necessidade de falar sobre suas vivências, no sentido de desabafar, compartilhar suas experiências com os outros participantes.	• Ao perceber que se iniciou um momento de catarse (que pode surgir em qualquer parte da oficina), deixe a discussão transcorrer sem muitas interferências; • Realize a escuta ativa e fomenta nos outros participantes o respeito à fala do colega; • Observe o tempo para a catarse: se ultrapassar 20 minutos, comece a retomar a fala para dar andamento à oficina; • Se durante a catarse outros assuntos forem trazidos para a discussão (p.ex.: pagamentos atrasados, falta de insumos para a prestação adequada dos serviços, etc.), retome o foco e fique atento para não se comprometer com a resolução de assuntos que não estão sob sua governabilidade. Lembre a todos quais os objetivos da oficina de CMS e retome o tema que estava sendo trabalhado.
Debates 	A contestação, a argumentação e a discussão de opiniões por meio do debate são uma importante ferramenta para estimular a participação dos profissionais durante a oficina, podendo potencializar a troca de ideias. Debates podem ser realizados antes ou após atividades em grupo.	• Apresente claramente o tema do debate: defina o assunto para evitar que se perca o foco; • Apresente as regras de conduta que devem ser respeitadas: aguardar sua vez para falar, escutar respeitosamente, não ser intolerante com diferentes opiniões. Defina também o tempo; • O facilitador deve apenas balizar o debate, mas sempre no esforço de alinhar as falas dos participantes como se construísse um “tecido” coerente; • Ao final do debate, faça uma fala de conclusão e agradeça a participação de todos.

TÉCNICA PEDAGÓGICA	O QUE É?	COMO REALIZAR?
Chuva de Ideias 	Trata-se de uma sessão criativa que favorece a expressão espontânea de pensamentos, sem atribuição de reflexão prévia ou valor crítico, para que o maior número possível de ideias seja lançado sobre um tema. Pode-se obter, por exemplo, múltiplas soluções para um determinado problema, propostas por distintas pessoas. Ou pode-se compreender o conhecimento anterior do participante sobre um tema.	• Explique inicialmente do que se trata a atividade: oriente os participantes para que sejam espontâneos e digam a primeira coisa que surgir à mente, sem atribuir juízo de valor; • Anote em um papel pardo ou craft as falas que não se repetirem, e deixe-as expostas para que todos possam ver; • Lembre aos participantes que todas as falas devem ser respeitadas; • Faça uma fala de conclusão ao final da chuva de ideias com a definição mais apropriada, levando em conta a contribuição de todos.
Uso de Relatos, Fotografias e Vídeos 	Relatos, fotografias e vídeos podem ser utilizados para transportar os participantes a situações reais, que podem remeter às próprias experiências, ativar memórias e assim incentivá-los ao debate a partir dos estímulos audiovisuais.	• Antes de utilizar estes recursos, faça uma fala introdutória explicando qual tema será trabalhado nos relatos, fotografias e vídeos; • Durante a atividade, observe as reações dos participantes e fique por perto para elucidar quaisquer dúvidas que surgirem; • Convide os participantes a expor suas impressões sobre o que foi exposto e garanta espaço para a manifestação das expressões; • Ao final da atividade, agradeça a participação e sempre faça uma fala de conclusão.
Escrita e Reflexão 	Escrever leva as pessoas ao exercício da reflexão. Quando a escrita está associada a outras atividades, ela potencializa a compreensão e a reflexão sobre os conceitos trabalhados.	• Explique as regras e o tempo para a realização da atividade, que pode ser realizada em grupo ou individualmente; • Para introduzir a atividade, podem ser utilizados os recursos de relatos, fotografias ou vídeos, ou perguntas disparadoras; • Solicite aos participantes que reflitam sobre o que foi exposto e escrevam suas percepções;

TÉCNICA PEDAGÓGICA	O QUE É?	COMO REALIZAR?
		• Ao final do tempo pactuado, organize a devolutiva; • Após a devolutiva, faça uma fala final de conclusão.
Trabalho com Pequenos Grupos 	Trabalhar com pequenos grupos fomenta a troca de ideias e o desenvolvimento das habilidades de cooperação, liderança e resolução de problemas de forma conjunta. Pode-se manter o mesmo grupo durante a série de atividades de uma oficina ou mudar sua composição a cada nova atividade.	• Forme grupos de 3 a 7 pessoas; • Sempre forneça orientações claras sobre como as atividades vão ocorrer, seu tempo de duração e o tempo para a devolutiva; • Oriente o grupo para que escolha as funções de seus membros: quem será o moderador (pondera falas, compila opiniões do grupo), o secretário (registra por escrito o que será apresentado) e o relator (responsável pela apresentação do que foi produzido pelo grupo).
Encenação 	A representação didática de papéis presenteia o participante com a oportunidade de se colocar no lugar do outro, sentir “na pele” uma determinada situação, revivendo por meio de uma cena teatral. É importante relembrar os participantes de que, apesar do formato lúdico da atividade, a seriedade é imprescindível para que sejam alcançados os resultados esperados e a reflexão sobre o tema abordado.	• Divida os participantes em grupos; • Estabeleça o tema da encenação e a história a ser encenada em cada grupo; • Determine os personagens e suas tarefas; • Explique a atividade e os tempos para cada tarefa, que deve se dividir em três momentos: → Preparação: a partir de um relato, uma notícia, uma fotografia, estabeleça um cenário e dê um tempo para o grupo se preparar; → Apresentação: devolutiva do grupo, encenação propriamente dita; → Debate: após a encenação, faça uma breve discussão para debater opiniões sobre o tema proposto. • Conclua com uma fala final que possa contribuir com a aprendizagem.

TÉCNICA PEDAGÓGICA	O QUE É?	COMO REALIZAR?
Recordatório 	O recordatório é uma ferramenta pedagógica que objetiva resgatar um conteúdo previamente aprendido, por meio de apresentações lúdicas. No caso de oficinas de dois dias, deve ser aplicado no primeiro dia para ter sua devolutiva nos primeiros momentos do segundo dia, reativando a memória dos participantes e criando relação de continuidade.	• Divida os profissionais em grupos e peça que cada grupo traga no dia seguinte um resgate dos temas trabalhados; • Cada grupo deverá receber uma temática específica; • Explique que qualquer tipo de atividade lúdica pode ser utilizado: encenação, poesia, crônica, paródia, etc. • Estipule o tempo de apresentação: cerca de cinco minutos para cada apresentação; • Se houver mais grupos, divida o tempo, de forma que o tempo total para esta atividade não exceda os 30 minutos.
“Que bom! Que pena! Que tal?” 	Ferramenta avaliativa sobre a oficina CMS. Objetiva coletar a opinião dos participantes sobre os pontos positivos observados ou elogios à oficina/facilitadores (QUE BOM!), os pontos negativos ou críticas (QUE PENA!) e oferecer um espaço onde possam dar sugestões (QUE TAL?) para a melhoria das próximas oficinas.	• Cole na parede um papel pardo ou craft e o divida em três colunas. Na primeira escreva em cima “QUE BOM!”, na segunda “QUE PENA!” e na terceira “QUE TAL? ”, deixando espaço abaixo dos títulos; • Entregue aos participantes papéis autocolantes e, após escreverem seus elogios, críticas e/ou sugestões, peça que as coleem na respectiva coluna; • Após todos colarem os papéis, o facilitador pode optar por ler em voz alta ou não. Avalie o tempo restante e a motivação dos participantes para decidir; Ao final da oficina, lembre-se de recolher os papéis e colar em folhas de papel A4, para registro e posterior análise dos comentários, buscando sempre a melhoria do processo de trabalho.

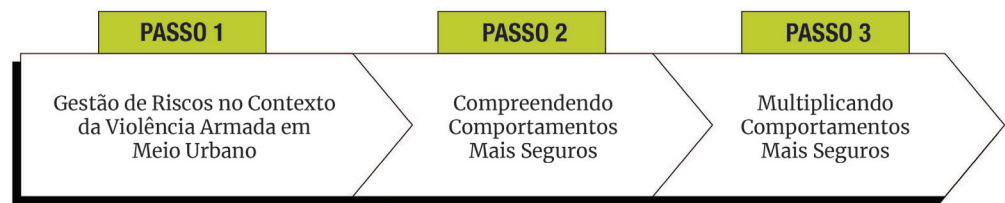
Após a compreensão de quais instrumentos pedagógicos os facilitadores podem lançar mão para a construção das Oficinas de CMS, abordaremos agora a metodologia de Comportamentos Mais Seguros propriamente dita.

4.2 OS TRÊS PASSOS PARA A ADOÇÃO DE COMPORTAMENTOS MAIS SEGUROS

Dentro da metodologia CMS para profissionais da educação, trabalharemos os seguintes conceitos:



Para promover uma abordagem mais didática destes conceitos, estas temáticas serão organizadas dentro de três diferentes passos. São eles:



Para facilitar a organização da oficina, recomendamos a divisão das temáticas em ordem sequencial, conforme descrito no programa a seguir. Cabe lembrar que o programa abaixo apenas sugere uma organização

para uma oficina de 12 horas, por meio da divisão adequada do tempo, conforme o período necessário estimado para a execução de cada temática e trabalho em grupo. No entanto, os tempos estimados podem ser adaptados segundo a necessidade e disponibilidade de recursos de cada instituição.

EXEMPLO: Oficina de Comportamentos Mais Seguros (CMS)

Data: 05 e 06 de fevereiro de 2019
Horário: 08:30 às 17:30 e 08:30 às 12:30
Local: Centro de Estudos Municipal – Auditório

PROGRAMA - DIA 1	
08:30 – 09:00	Acolhimento
09:00 – 09:10	Contrato de Convivência
09:10 – 09:30	Apresentação da Oficina
09:30 – 09:50	Os Três Passos para a Adoção do CMS Passo 1: Gestão de Riscos no Contexto da Violência Armada em Meio Urbano I) Contexto da Violência Armada em Meio Urbano
09:50 – 10:30	II) Sinal, Risco e Crise
10:30 – 10:45	Intervalo
10:45 – 11:20	Atividade em Grupo 1: Notícias de Jornal
11:20 – 12:00	Devolutiva dos Grupos
12:00 – 13:00	Almoço
13:00 – 13:20	III) Gestão de Riscos
13:20 – 14:00	Atividade em Grupo 2: Diagnóstico dos Riscos
14:00 – 14:20	Devolutiva dos Grupos
14:20 – 14:50	Passo 2: Compreendendo Comportamentos Mais Seguros Atividade em Grupo 3: Comportamento Frente Ao Risco
14:50 – 15:10	Devolutiva dos Grupos
15:10 – 15:30	Processo Básico de Tomada de Decisão
15:30 – 15:45	Intervalo
15:45 – 16:20	I. Comportamentos Mais Seguros A) Medidas Preventivas B) Medidas que Limitam Consequências
16:20 – 16:30	II. Local Mais Seguro
16:30 – 17:00	Elaboração do Recordatório
17:00 – 17:30	Encerramento do Dia

PROGRAMA - DIA 2	
08:30 – 09:00	Acolhimento
09:00 – 09:30	Devolutiva dos Grupos: Recordatório
09:30 – 09:40	Passo 3: Multiplicando Comportamentos Mais Seguros I. Multiplicando CMS – Conceituação
09:40 – 10:00	Atividade em Grupo 4: Os Alunos Adotam CMS na Escola?
10:00 – 10:20	Devolutiva dos Grupos
10:20 – 10:30	Vídeo: Quem Ensina CMS aos Alunos?
10:30 – 11:00	Atividade em Grupo 5: Plano de Aula em CMS
11:00 – 11:30	Devolutiva dos Grupos
11:30 – 12:10	II. Simulado CMS Atividade em Grupo 6: Simulado com os Alunos
12:10 – 12:20	Mensagens-Chave e Encerramento
12:20 – 12:30	Ferramenta Avaliativa "Que Bom, Que Pena, Que Tal?"

No quadro a seguir, encontram-se elencados os temas que deverão ser abordados pelos facilitadores durante a Oficina de CMS e uma compilação dos recursos necessários para sua realização.

SEÇÃO	OBJETIVOS	TÉCNICAS PEDAGÓGICAS	RECURSOS NECESSÁRIOS
Passo 1: Gestão de Riscos no Contexto da Violência Armada (VA) em Meio Urbano	→ Compreender o contexto de VA em meio urbano e análise de contexto; → Compreender os conceitos de sinal, risco e crise; → Conhecer os conceitos básicos de gestão de riscos.	→ Catarse; → Debate; → Uso de relatos, fotografias, vídeos; → Chuva de Ideias; → Trabalho com pequenos grupos; → Escrita e reflexão.	→ Computador e data show; → Apresentação em Power Point da oficina; → Folhas de papel A4; → Cartolina, papel pardo ou papel craft; → Fita autoadesiva; → Canetas esferográficas; → Notícias de jornal com situações de violência local (uma por grupo);

			→ Imagens de situações de violência armada local; → Cronômetro.
Passo 2: Compreendendo Comportamentos Mais Seguros no Contexto da VA em Meio Urbano	→ Compreender os comportamentos frente a situações de risco à VA; → Conhecer os comportamentos mais seguros recomendados frente à VA; → Aprender a identificar lugares mais seguros na escola e na comunidade.	→ Trabalho em pequenos grupos; → Escrita e reflexão; → Uso de relatos, fotografias e vídeos; → Debate.	→ Computador e data show; → Apresentação em Power Point da oficina; → Folhas de papel A4; → Cartolina, papel pardo, ou papel craft; → Blocos de papel autoadesivo (ou pedaços de papel e fita autoadesiva); → Canetas pilot; → Cronômetro.
Passo 3: Multiplicando Comportamentos Mais Seguros	→ Compreender como promover e orientar o ensino dos CMS para profissionais e alunos da escola; → Compartilhar boas práticas para o ensino dos CMS; → Aprender e treinar a realização de um simulado de CMS na escola.	→ Trabalho em pequenos grupos; → Escrita e reflexão; → Uso de relatos, fotografias e vídeos; → Debate; → Representação de papéis.	→ Pedacos de jornais; → Marcadores; → Fita autoadesiva; → Papel craft; → Cronômetro; → Vídeo “Lições de Primeiros Socorros”; → Instrumentos dos Anexos 2 e 3; → Cronômetro.

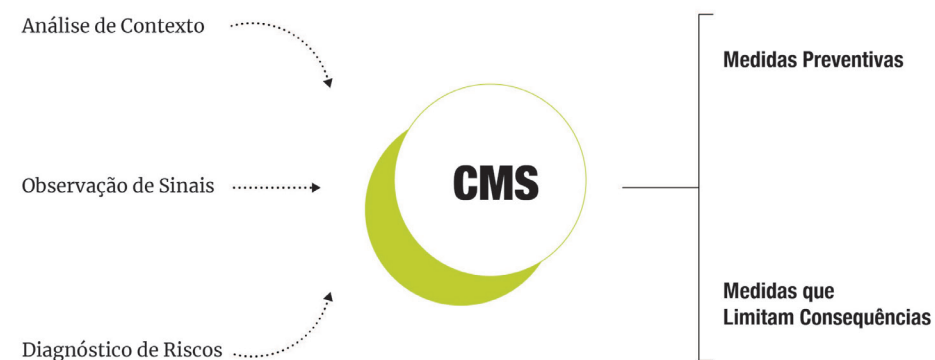
Legenda: VA: violência armada; CMS: Comportamentos Mais Seguros.

PASSO 1) GESTÃO DE RISCOS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA ARMADA EM MEIO URBANO

No Passo 1, a tarefa dos facilitadores é trabalhar junto aos participantes da Oficina de CMS os fundamentos conceituais da metodologia de Comportamentos Mais Seguros.

Neste processo, é importante iniciar a oficina realizando uma explanação acerca do conceito de **violência armada em meio urbano** e a importância da **análise do contexto** do local onde atuam.

Desta forma, é possível estabelecer um ponto de partida de onde deverão seguir para compreender a importância da **observação dos sinais** e **identificação dos riscos**, para a adequada gestão destes riscos por meio da adoção de **comportamentos mais seguros**.



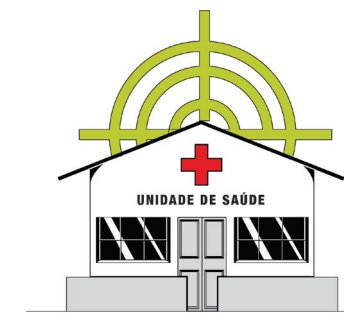
1) CONTEXTO DA VIOLÊNCIA ARMADA EM MEIO URBANO

Estima-se que dois terços da população mundial viverão em cidades até 2030. O crescimento dos centros urbanos, portanto, será marcado por grandes desafios na absorção dessas pessoas. Tais desafios, associados a outros fenômenos socioeconômicos que acometem a população mundial, dificultam o desenvolvimento sustentável dessas áreas. Um deles relaciona-se com o aumento da violência armada em decorrência da urbanização desordenada, dinâmica crescente em âmbito global já refletida em várias cidades que sofrem com a presença de facções criminosas que tentam controlar as comunidades gerando confrontos com os agentes da lei, e com outras facções que buscam o controle dos territórios e dos recursos econômicos.

Esta é uma dinâmica global que caracteriza o século XXI e tem afetado o Brasil, evidenciando a necessidade de que sejam adotadas abordagens e respostas integradas para reduzir e mitigar as consequências humanitárias, e dessa forma caminhar em parceria rumo a um desenvolvimento sustentável.



No Brasil, a violência armada e seus indicadores mais visíveis têm aumentado em várias cidades. A violência armada em meio urbano refere-se a estas situações de violência armada crônica que ocorrem em ambientes urbanizados, como os **confrontos entre facções criminosas e agentes da lei, e entre facções entre si. Como consequência, tiros, tiros, balas perdidas e homicídios**, entre outras situações de violência armada, passam a fazer parte do retrato do dia a dia da população. Estes eventos impactam não apenas as pessoas que participam dos confrontos, mas também aquelas que não participam, gerando significativas consequências humanitárias para a população civil, como **mortos e feridos**.



Além destas situações, a violência armada gera um amplo espectro de impactos e consequências humanitárias que excedem seus efeitos imediatos. Um destes aspectos, que assume particular dimensão, é o **impacto sobre a provisão e acesso aos serviços públicos essenciais**, que por sua vez gera custos elevados à sociedade civil e afeta diretamente os esforços do país para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)*, a saber:

- Objetivo 3** Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;
- Objetivo 4** Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;
- Objetivo 8** Promover o crescimento econômico sustentável, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos;
- Objetivo 16** Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis;
- Objetivo 17** Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

* Os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável são um conjunto de metas globais estabelecidas pela Assembleia Geral das Nações Unidas, que visam alcançar o desenvolvimento sustentável em três esferas de atuação: econômica, social e ambiental. A agenda 2030 contém o documento final adotado na Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>).

As **consequências humanitárias** da violência armada são graves para a população. A **violência armada em cidades** provoca fechamento de escolas, unidades de saúde e unidades de assistência social, entre outros serviços públicos essenciais.

Cada vez mais, o desenvolvimento sustentável depende da gestão bem-sucedida do crescimento populacional em meio urbano, principalmente em países com maiores vulnerabilidades, onde a urbanização mais rápida é esperada. Desta forma, torna-se imprescindível o investimento em políticas públicas integradas que busquem melhorar a qualidade de vida destas populações.

Frente a isto, é de fundamental importância que todos os profissionais que atuam na provisão de serviços públicos essenciais tenham compreensão da situação de violência armada existente e façam uma minuciosa e contínua avaliação do contexto no território onde atuam. **Todos precisam conhecer a dinâmica cotidiana do território**, a fim de que possam perceber rapidamente quando algo saiu da “normalidade”, e ter tempo para adotar condutas e comportamentos que possam diminuir sua exposição aos possíveis riscos. É preciso compreender que “o que não é conhecido não pode ser gerido”.

Fazer referências a exemplos reais facilita esta compreensão: a análise de contexto e riscos deve ser vinculada a situações rotineiras do dia a dia dos profissionais. Os facilitadores podem utilizar exemplos reais para que os participantes se sintam à vontade para dar seus relatos a partir de suas próprias experiências. Veja a seguir estes dois exemplos:

EXEMPLO 1

No caminho para a escola onde atua, um professor observa que os meninos que ficavam todos os dias na esquina da escola, estranhamente, não estão lá. Somado a isto, observa que seu Zé do salão de cabeleireiro que funciona na frente da escola está falando ao telefone com um ar de preocupação enquanto fecha as portas do salão em horário de funcionamento. Seguindo mais à frente, observa que a avenida principal que leva à escola, geralmente movimentada, está vazia, e o ponto de ônibus está vazio, o que lhe parece muito incomum para o horário.

EXEMPLO 2

A nova diretora da escola não conhece o território. Apesar de trabalhar há três meses, não costuma olhar o entorno e não faz questão de conversar com as pessoas locais, permanecendo o dia inteiro em sua sala, só saindo no horário de ir embora. Ela passou pelos mesmos locais que o professor do exemplo 1, mas não observou nada de diferente. Como não conhece a comunidade, não tem a capacidade de avaliar quando algo está fora do que é habitual.

Após este exemplo, os facilitadores podem fazer perguntas disparadoras aos participantes, convidando-os a mencionar exemplos reais. “*Que tipos de experiências já vivenciaram neste sentido, e que podem também ilustrar uma prática de análise de contexto na realidade onde atuam?*”

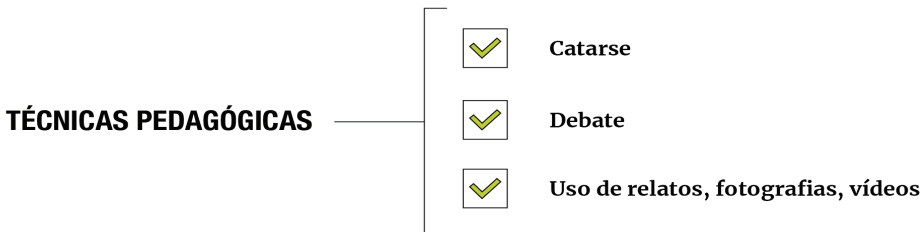
Todos têm alguma vivência para contar, e esse é o momento de compartilhar!

É fundamental sensibilizar os profissionais quanto à importância de se analisar de maneira diária e constante o contexto local e os riscos. Recomenda-se ressaltar que a **violência é dinâmica e muda a todo momento** (o que hoje é uma realidade amanhã pode não ser: **um local não considerado violento hoje pode vir a se tornar amanhã**), e que é imprescindível manter-se atento e buscar sempre informações precisas para nortear tomadas de decisão mais acertadas.

É preciso ficar claro que avaliar contextos e riscos vai além de compreender a situação do entorno; inclui também **estar sempre atento a estas possíveis mudanças**.

Para falar da violência armada que vivenciam em seu local de atuação, os facilitadores podem projetar imagens da violência na região e notícias de jornal regional. Ou levar recortes de revistas com reportagens que sejam pertinentes ao território onde estão trabalhando.

Os facilitadores devem também estar preparados para o momento de catarse dos participantes, pois, ao serem inseridos na temática da violência armada, naturalmente remeterão a alguma situação vivida ou presenciada, e o ambiente de confidencialidade pode deixá-los à vontade para falar. É preciso respeitar este momento e fazer o possível para apoiar que esta expressão seja feita da melhor e mais respeitosa forma possível.



II) CONCEITOS DE SINAL, RISCO E CRISE

Um dos pontos mais importantes para a adoção de comportamentos mais seguros é compreender de que forma se dá a dinâmica da violência no território, como acabamos de apresentar. Ao entrar nos conceitos de sinal, risco e crise, retome o contexto de análise do território para criar

uma relação de continuidade.

Os participantes da oficina devem ser estimulados a compreender como a observação dos **sinais** do território pode alertar para a possibilidade de **riscos relacionados a situações de violência armada**, que podem desencadear **crises**, trazendo consequências humanitárias indesejáveis.

Os conceitos de **sinal**, **risco** e **crise** devem ser trabalhados seguindo-se a mesma a lógica de relacioná-los ao cotidiano dos profissionais, utilizando exemplos reais.

A técnica pedagógica **Chuva de Ideias (Brainstorming)** pode ser utilizada neste momento como um ponto de partida para se trabalhar estes conceitos, e para que o facilitador possa avaliar os conhecimentos prévios dos participantes sobre os conceitos de sinal, risco e crise.



Chuva de Ideias: Sinal x Risco x Crise

Veja como fazer:

- 1) Projete na apresentação as palavras **SINAL**, **RISCO** e **CRISE**. Uma de cada vez;
- 2) A cada projeção, pergunte aos participantes a que essas palavras os remetem;
- 3) Conforme as ideias forem surgindo, escreva em um papel craft ou na própria apresentação;
- 4) Após a devolutiva, **explique o conceito de SINAL**:

SINAL



Dentro da metodologia CMS, podemos definir sinal como **qualquer indício observado no território** que possa referenciar a uma **situação habitual**, ou alertar o profissional de que **algo no contexto mudou** e pode desencadear situações de risco. Veja o exemplo a seguir:

EXEMPLO

Determinado professor, que conhece a dinâmica do território da escola onde leciona, observa que os motoqueiros que ficam em frente à escola estão circulando de forma diferente da usual, passando mais rapidamente do que de costume. Observa também que alguns pais vieram pegar os filhos na escola e comentaram que há um movimento incomum na comunidade.

Estes são exemplos de **SINAIS** de alerta, indicando que há uma situação que pode levar a algum risco para os profissionais e beneficiários. É preciso estar sempre atento a estes eventos. No caso do exemplo, o professor poderia:

- Checar a veracidade das informações com os seus contatos na comunidade ou com outros profissionais, comerciantes e pessoas conhecidas em quem tenha confiança no território;
- Ficar atento ao território para um possível agravamento das situações de violência armada;
- Caso a situação se agrave, cancelar atividades externas ou aulas em áreas abertas da escola.

Vale lembrar que **cada território tem os seus sinais específicos** e cabe aos profissionais conhecerem e avaliarem estes sinais.

Para facilitar a compreensão das diferenças entre sinal e risco, pode-se explicar da seguinte forma: um **SINAL** não gera diretamente e de forma imediata feridos ou mortos (consequências humanitárias da violência armada), mas trata-se de um indício observado que aponta para situações usuais do território ou caracteriza alterações na dinâmica cotidiana de determinado local, podendo indicar a probabilidade de riscos.

EXEMPLOS DE SINAIS

Motoqueiros circulando de modo não usual, ruas mais vazias do que de costume, pessoas trazendo informações do território, relatando que algo fora do comum pode acontecer, estabelecimentos comerciais no entorno à meia porta ou com portas fechadas em horário comercial, tiros longe da unidade escolar, movimento de atores armados, som de fogos de artifício fora de datas festivas, ruas com barreiras ou barricadas onde não havia, etc.

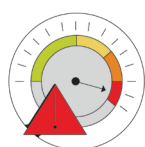
- 5) Quanto aos **RISCOS**, antes de explicar seu conceito, promova uma reflexão da seguinte forma: projete uma imagem como a do exemplo a seguir e faça aos participantes as seguintes perguntas:



Após as respostas dos participantes, explique os aspectos da imagem apresentada: trabalhar com fios de alta tensão é uma tarefa que já possui certo risco associado. No entanto, o homem da imagem eleva seu risco de acidentes quando não utiliza os equipamentos de proteção adequados, aumentando a chance de choque elétrico de alta tensão ou queda. Apesar das suas várias definições, o risco, neste caso, relaciona-se a algo ruim, assim como o risco relacionado a situações de violência armada.

Após esta explanação, siga com a explicação conceitual de **RISCO** e, na sequência, com o conceito de **CRISE**:

RISCO

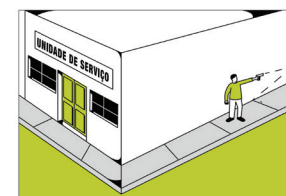


O **RISCO** está presente em qualquer atividade humana. Sua conceituação é ampla e complexa, e por isso é possível encontrar muitas formas de definição. Veja abaixo algumas definições para risco:

- É a possibilidade de que ocorra um perigo, perda ou dano (Real Academia Espanhola);
- É a probabilidade de um perigo causar dano (Wharton, N. – 1995 – Journal of Adventure Education and Outdoor Leadership);
- É a probabilidade, alta ou baixa, de alguém se machucar em uma situação de perigo (The Health & Safety Executive, 1998);
- É a possibilidade de confrontar perigo ou sofrer dano ou perda (The Oxford English Dictionary);
- É o potencial de perder algo de valor. A perda pode significar dano ou perda física, mental, social ou financeira. O risco cria insegurança (Priest, S. State College, PA: Venture Pub., 1990);
- Segundo a ISO 31000 (2018):
 - É o efeito da incerteza nos objetivos;
 - É o efeito do desvio em relação ao esperado;
 - Pode ser positivo, negativo ou ambos, ou gerar oportunidades e ameaças.

Dentro da metodologia de CMS, podemos definir risco como toda situação que, se concretizada, pode gerar consequências negativas, físicas ou materiais, como: feridos, problemas psicológicos, mortos, destruição de propriedades, entre outros.

EXEMPLOS DE RISCOS



Risco de tiroteio próximo da escola, risco de confronto entre atores armados próximo da escola, risco de balas perdidas, risco de invasões de escolas por atores armados, risco de atores utilizarem as escolas como rota de fuga, etc.

Quando identificados os riscos, se não gerenciados, eles podem gerar consequências humanitárias negativas.

Os profissionais que atuam em áreas de vulnerabilidade à violência armada devem ampliar sua capacidade de reconhecer os riscos por meio da análise do contexto, compreender que a atenta observação dos sinais pode auxiliar a prever estes riscos e adotar condutas específicas para mitigá-los.

É importante que tenham a percepção clara de que, se nenhuma atitude for tomada a partir da observação dos sinais e identificação de riscos, um desdobramento do risco pode ocorrer, culminando em situações de crise e consequências humanitárias para profissionais e beneficiários.

O que não é conhecido não pode ser gerenciado.

É importante destacar que, apesar de todos os esforços e ações na perspectiva de mitigação de riscos, algum risco sempre é assumido, pois não podemos evitar sua existência.

Pensando nas atividades operacionais, como a prestação de serviços públicos essenciais à população, evitar completamente os riscos relacionados à violência armada só seria possível se todas as atividades fossem suspensas. Como o objetivo almejado não é suspender as atividades nestas comunidades, mas sim fortalecer a oferta de serviços para que sejam viáveis, cada vez mais acessíveis e com o máximo de segurança possível para o profissional, busca-se através da adoção de comportamentos mais seguros reduzir estes riscos ao máximo, a um nível de risco residual que possibilite a realização mais segura destas atividades.

IMPORTANTE

Lembre-se sempre: não existe risco zero! O importante é encontrar soluções práticas que possam fortalecer e ampliar o acesso aos serviços na sua resposta às populações.

Este risco deve fazer parte da estratégia dos gestores ao planejarem as atividades de seus profissionais, e todas as medidas devem ser realizadas para deixá-lo em um nível aceitável, que não exponha os profissionais e usuários a situações de alto risco.

Deve-se por isso aceitar que esse risco residual nunca vai deixar de existir e que é preciso saber conviver com ele, mas tomando medidas que diminuam ao máximo as consequências e a probabilidade de acontecer.

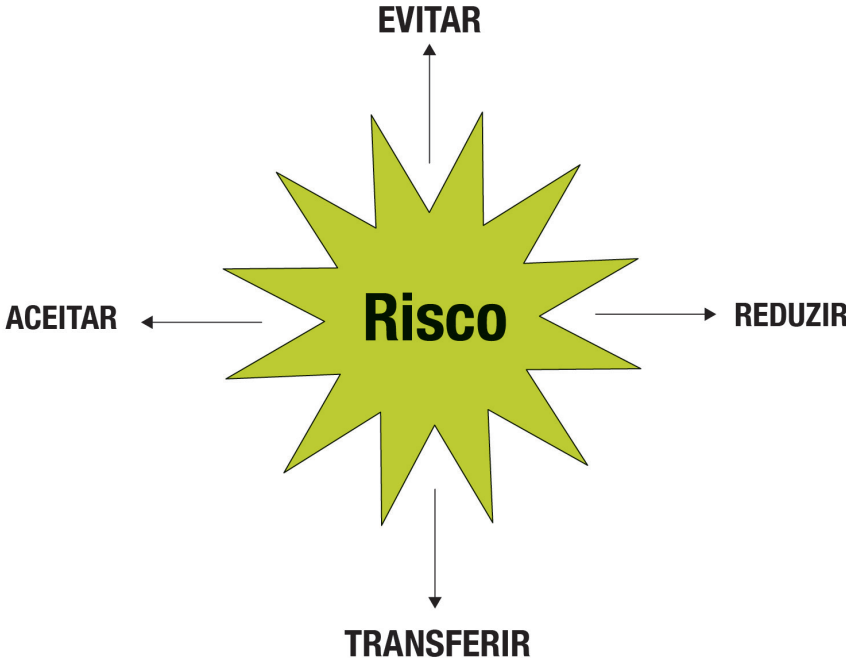
Quanto ao diagnóstico para a análise dos riscos, dependendo de seu impacto e da probabilidade de ocorrer, assim como de suas possíveis consequências, é possível atribuir níveis ao risco. Nesta lógica, pode-se assumir distintas condutas frente ao risco. Veja a seguir:

Evitar: neutralizar o risco evitando contato com ele. Isto se traduz em não realizar atividades em determinado local. P.ex.: cancelar aulas de educação física em área externa enquanto há o risco de tiroteio;

Reduzir: identificar o risco e aplicar medidas para mitigá-lo. Isto permite que as atividades sejam realizadas ao reduzir o risco a um nível residual e aceitável. P.ex.: adequar a estrutura física de uma escola com estrutura proteção passiva (muros, grades, etc.);

Transferir: compartilhar os riscos. P.ex.: em caso de perdas financeiras, o gestor pode contratar empresas de seguros para repor material danificado em uma situação de violência armada;

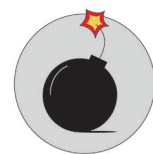
Aceitar: quando o risco é considerado aceitável, por sua natureza própria (baixo risco) ou porque já foram adotadas medidas para mitigá-lo. As atividades podem ser realizadas sob esta perspectiva de risco residual.



O facilitador pode fazer aqui uma referência à **Gestão de Riscos**, que pode ser definida como todas aquelas atividades que, realizadas de forma organizada, visam dirigir e coordenar os riscos operacionais em uma instituição. Este assunto será tratado mais à frente durante a oficina, quando detalharemos como as medidas de proteção podem mitigar riscos a um nível residual e aceitável.

Após conceituar sinais e riscos, siga a explicação sobre o conceito de Crise.

CRISE



Dentro da metodologia CMS, podemos conceituar **CRISE** como aquele instante em que o risco se configura afetando a prestação de serviços. O que até então era apenas um risco potencial se concretiza, ganhando magnitude capaz de gerar reais consequências físicas e materiais e necessitando de gerenciamento ágil e imediato.

Quando a CRISE é desencadeada, não há tempo para planejar o que fazer, e as ações necessárias devem ser realizadas de forma eficiente. Por isso, recomenda-se pensar previamente sobre a possibilidade de ocorrerem estas situações e sempre adotar comportamentos mais seguros.

Não é no momento de crise que se faz a preparação, é antes!

É preciso compreender que seu correto diagnóstico é a chave para nortear quais medidas de segurança devem ser adotadas para sua mitigação.

A gestão adequada dos riscos começa por um bom diagnóstico.

Apesar de a crise poder impactar as atividades, é importante compreender que não implica automaticamente que as atividades sejam suspensas. O objetivo primordial é manter, sempre que for possível e seguro, a oferta de serviços às pessoas que necessitam.

TÉCNICAS PEDAGÓGICAS



Chuva de ideias



Uso de relatos, fotografias, vídeos

Para aprofundar os conceitos de risco, crise e suas consequências humanitárias, os facilitadores podem utilizar a técnica pedagógica de **divisão em pequenos grupos** para realizar uma atividade de **leitura de notícias** de

jornal para reflexão sob situações reais.

Na atividade a seguir, os participantes serão convidados a relacionar os conceitos aprendidos a situações reais, apresentadas por meio de notícias de jornais locais.

Atividade em Grupo 1: Notícias de Jornal



Veja como fazer:

- 1) Separe algumas reportagens de jornal referentes à violência armada local;
- 2) Divida os participantes em pequenos grupos;
- 3) A cada grupo entregue uma reportagem;
- 4) Dê alguns minutos para que os participantes leiam

as notícias e escrevam a resposta às duas perguntas:

- Que situações de risco podem ser extraídas das notícias?
- Quais os danos (consequências) produzidos pelas situações de risco identificadas?

As respostas à primeira pergunta provavelmente permearão as situações de:

- Bala perdida;
- Ataques a profissionais;
- Ataques a beneficiários;
- Confrontos armados;
- Detonação de artefatos explosivos.

As respostas à segunda pergunta devem ser:

- Mortos;
- Feridos;
- Restrições de movimentação;
- Dificuldade ou impossibilidade de acessar a unidade ;
- Medo.

Escreva todas as respostas que não se repetirem em um quadro ou papel craft. Deixe-as expostas em um local que todos possam ver.

TÉCNICAS PEDAGÓGICAS

- ✓ Uso de relatos, fotografias, vídeos
- ✓ Trabalho em pequenos grupos
- ✓ Reflexão

III) GESTÃO DE RISCOS: RECONHECENDO SINAIS E DIAGNOSTICANDO RISCOS PARA ADOTAR MEDIDAS DE SEGURANÇA

Nesta seção, o facilitador deve retomar a ideia de diagnóstico do risco para orientar sua adequada gestão. Dependendo do impacto do risco, de sua probabilidade de ocorrer e das consequências humanitárias que pode gerar, o profissional pode eleger a forma mais adequada para agir em determinada situação.

Mensagens-Chave da Gestão de Riscos

Muitas pessoas realizam em seu cotidiano ações arriscadas sem plena consciência, como atravessar a rua com o sinal vermelho ou de forma desatenta, por acreditar de maneira equivocada que:

- Coisas ruins só acontecem com os outros e em outros lugares;
- A lógica do “salve-se quem puder” nas situações de risco sempre dará certo;
- Coisas ruins acontecem porque têm que acontecer ou porque estão destinadas a acontecer.

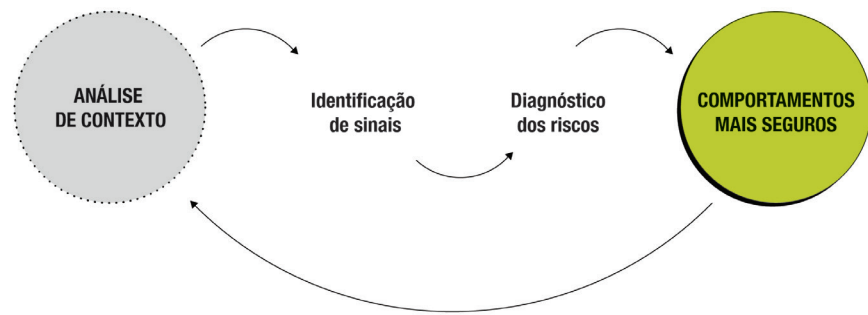
A gestão dos riscos implica identificar as situações potencialmente perigosas e pensar em ações de prevenção e mitigação.

Podemos definir a gestão de riscos como toda ação ou conjunto de ações e medidas realizadas para minimizar e mitigar o risco.

Considerando a lógica de redução da exposição dos profissionais e beneficiários aos riscos da violência armada, podemos dizer que SINAIS podem indicar a probabilidade de RISCOS. Se forem tomadas atitudes em um primeiro momento (**Medidas Preventivas**), frente aos sinais observados, **a exposição ao risco pode ser reduzida e mitigada**. Nenhum profissional deve ser exposto a um risco desnecessário.

Quando a crise de segurança já está ocorrendo (concretização do risco), as consequências humanitárias também podem ser mitigadas. Se atitudes forem tomadas no momento da crise, seu gerenciamento é possível, por meio da adoção de medidas que reduzam as suas consequências (**Medidas que Limitam Consequências**). No entanto, é fundamental destacar que, para se gerir adequadamente um risco antes que aconteça uma crise, depende-se sempre de um bom diagnóstico e de uma boa preparação.

Veja na imagem a seguir como podemos organizar estes aspectos em um ciclo da gestão de riscos.

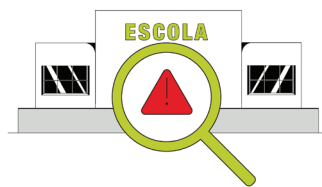


ESTA É A LÓGICA DO CMS

Treinar os profissionais na análise do contexto local, na observação de sinais e na identificação e diagnóstico dos riscos aos quais estão expostos, para que possam atuar adotando comportamentos mais seguros (preventivos e que limitam consequências) com o objetivo de reduzir, limitar e mitigar os riscos (potenciais ou concretizados).

Após esta explicação conceitual, projete a imagem dos 8 Riscos (Anexo 1) e peça que os participantes tentem identificar os 8 Riscos que poderiam ser evitados na cena.

Atividade em Grupo 2: Diagnóstico dos Riscos



Para trabalhar com o grupo os conceitos de diagnóstico do risco e gestão dos riscos pela escola, pode-se utilizar a seguinte atividade. Veja como fazer:

- 1) Divida os profissionais por escola, dê a cada grupo três cartolinas ou papel craft e peça que escrevam acima de cada um “Situações de Risco Vividas”, “Impacto sofrido” e “Capacidade de Resposta”;
- 2) Explique que cada grupo será como uma junta médica, com a função de levantar a história clínica de um paciente (análise de contexto do território da escola) para estabelecer um diagnóstico;
- 3) Projete as questões a seguir e peça que cada grupo reflita antes de escrever, sob as seguintes perspectivas:

A) Por quais situações de risco, específicas por violência armada, a escola já foi afetada? (Tente se lembrar de datas aproximadas)

EXEMPLO

A escola já viveu uma situação de risco relacionada a um tiroteio em dezembro do ano passado, etc.

B) Que impactos reais estas situações geraram para a escola? (Tente descrever detalhes)

EXEMPLO

Quando observamos já estávamos no meio da situação, o tiroteio começou e nos abaixamos. As janelas de uma sala se quebraram, mas não houve feridos. Professores, no entanto, não quiseram retornar nos meses seguintes.

C) Com que preparação/tipo de resposta a escola conta em situações de violência armada?

EXEMPLO

Os professores normalmente orientam as crianças a se abaixarem. Levamos para a biblioteca, que é na parte interna da escola e nos dá mais proteção. Temos contato direto com a secretaria, que rapidamente nos responde.

Dê alguns minutos para a realização da tarefa e, em seguida, oriente a devolutiva dos grupos.

Esta atividade oferecerá aos participantes uma “história clínica” completa do “paciente” (escola), evidenciando sua problemática com a violência armada, exibindo um importante retrato da situação real da escola e das capacidades de resposta que dispõem verdadeiramente para seu gerenciamento em uma situação de risco ou momento de crise.

Conclua a atividade lembrando e destacando as seguintes mensagens:

- Não existe risco zero;
- O conhecimento possibilita a diminuição dos riscos;
- O gerenciamento dos riscos tem um importante ponto de partida no diagnóstico (avaliação de contexto, observação de sinais e identificação de riscos), que possibilita que as pessoas tenham uma real consciência dos riscos aos quais estão expostas, aprimorando assim as suas capacidades de gerenciá-los.



Um ponto fundamental para a gestão de riscos é o reconhecimento dos sinais que indicam a possibilidade de riscos. Utilize os exemplos a seguir para relacionar os três conceitos trabalhados (sinal, risco e crise) e fomen-

tar a reflexão sobre como a gestão de riscos pode reduzir consequências negativas:

EXEMPLO 1



Pessoas que vivem em determinados ambientes, como as populações ribeirinhas, aprendem a compreender os sinais que o ambiente pode indicar e que os fazem reconhecer um risco baixo, médio, alto ou crítico. É o caso do aumento do nível das águas ou de quando elas se tornam barrentas e com a presença de muitos galhos de árvores, sinalizando a possibilidade de uma tromba d'água acontecer. Estes moradores aprendem a quais sinais devem ficar atentos, de modo a ganhar tempo para tomar alguma atitude caso algum risco se pronuncie.

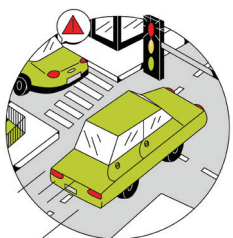
EXEMPLO 2



Da mesma forma, pessoas que moram em cidades próximas a vulcões devem saber reconhecer que sinais como a fumaça saindo do núcleo do vulcão, determinados sons vindos dele, tremores, entre outros, podem indicar que o vulcão está entrando em erupção, e talvez seja necessária uma evacuação. Estas pessoas se mantêm alertas e preparadas, pois sabem que vivem em um local que possui este tipo de risco iminente. Caso os sinais observados as levem a crer que um risco está próximo, elas precisam tomar atitudes rápidas para evitar consequências humanitárias negativas.

Quando não se dão conta ou atuam sem observar estes sinais, o risco se eleva.

EXEMPLO 3



Outro exemplo claro é um semáforo de trânsito, que indica sinais por meio de suas cores. Quando apresenta a cor verde e o veículo continua avançando, seu nível de risco é baixo, pois o condutor atua de acordo com os sinais que observa. O mesmo acontece se o sinal está vermelho e paramos o carro. No entanto, se o sinal está vermelho e continuamos dirigindo, ignorando o sinal de parar que nos é dado, aumentamos o nosso risco, podendo gerar consequências negativas como um grave acidente.

É lógico que, no contexto da violência armada, estes sinais não são tão claros quanto um semáforo ou uma catástrofe natural previsível, mas não são impossíveis de identificar. A chave é aprender a ler o contexto, que poderá nos indicar muitos sinais, e ampliar o olhar para enxergar o que antes passava despercebido, levando-nos ao perigo direto em muitas ocasiões. Muitas situações certamente poderiam ter sido evitadas caso os sinais fossem valorizados.

Neste momento, dirija aos participantes o seguinte questionamento:

- *Você conhece os sinais relacionados à violência armada no território onde atua?*
- *Você sabe o que eles significam?*

Proponha uma reflexão sobre o tema.

Neste ponto da capacitação, os profissionais têm agora consciência dos sinais dos seus territórios e como reconhecer os riscos relacionados a eles. No entanto, para reduzir os riscos é preciso ir além da observação dos sinais. Deve-se atuar para minimizar suas consequências, nunca indo contra o que o sinal indica.

Para a organização das ações que devem ser tomadas frente a situações de risco ou em uma situação de crise, recomenda-se a elaboração de um plano de contingência. A seguir, apresentaremos uma estrutura que possui os elementos mínimos que devem existir nesse plano, onde se preveja o descolamento de alunos e professores de um espaço para o outro (p.ex.: reagrupamento em um local mais seguro ou evacuação). Frente a isto, os seguintes elementos devem ser pensados previamente:

- A organização e coordenação da comunicação interna e externa;
- A identificação dos locais mais seguros na escola e na comunidade;
- O estabelecimento de rota ou rotas mais seguras para evacuação, etc.

Aspectos Mínimos para a Elaboração de um Plano de Contingência CMS

Um plano de contingência é uma importante ferramenta para a sistematização de ações frente a um risco ou crise de segurança, estruturado por meio de coordenação de tarefas-chave e divisão de responsabilidades. Na lógica do CMS, um plano de contingência deve **definir todas as ações que devem ser realizadas cotidianamente, de forma preventiva**, mas também descrever de maneira clara e sucinta quais ações necessitam ser realizadas e coordenadas **frente a situações de risco, ou em um momento de crise** relacionado à violência armada. Recomenda-se que, para cada uma destas ações, seja definido um responsável, que irá realizá-la em caso de necessidade.

Um plano de contingência deve ter alguns aspectos essenciais, ou seja, deve ter minimamente informações que norteiem os profissionais quanto ao que fazer, aonde se dirigir para se proteger e proteger os alunos, e com quem se comunicar (parceiros no território, familiares dos alunos, chefia direta, etc.), assim como qual a rota mais segura para evacuar a escola

caso necessário. Outras informações para além destas também devem ser inseridas no plano, como regras locais que precisam ser respeitadas, cuidados específicos com a identificação pessoal, lista de telefones mais importantes em caso de emergência, dentre outros aspectos que os profissionais considerem importante acrescentar. O plano, entretanto, deve ter uma estrutura simples, que permita a visualização e compreensão rápida destas ações e de quem é o responsável na escola por conduzi-las.

O importante é que estratégias de comunicação e coordenação internas e externas, estabelecimento de locais mais seguros e rotas mais seguras de evacuação, assim como detalhamentos específicos que cada escola identificar, sejam previamente pensadas, coordenadas, validadas e treinadas pela equipe escolar junto aos alunos por meio de simulados que devem ocorrer periodicamente. Quando todos já sabem o que fazer, coordenar as ações se torna muito mais fácil.

No **anexo 2** deste guia, encontra-se um modelo que expõe aspectos mínimos a serem pensados no momento da elaboração de um Plano de Contingência CMS. O modelo apresentado não é exaustivo, ou seja, apresenta apenas os elementos básicos e imprescindíveis que um plano minimamente deve ter. Recomendamos que os planos sejam elaborados pelos profissionais das escolas, com base na realidade local e com o apoio dos facilitadores.

Os facilitadores podem optar por trabalhar estes aspectos mínimos para um Plano de Contingência CMS neste momento, ou em um momento posterior.

Finalize esta seção com as seguintes mensagens:

Não se esqueça:

- **É fundamental reconhecer sinais de riscos.**
- **Para reconhecer sinais de risco, é preciso estar atento e alerta!**
- **E ler o contexto em toda a sua dimensão!**
- **Não basta reconhecer os sinais de riscos se não atuarmos para mitigar suas consequências (não basta conhecer, é preciso agir!).**

PASSO 2) COMPREENDENDO COMPORTAMENTOS MAIS SEGUROS

“O conhecimento possibilita tomar decisões para diminuir o risco.”

No Passo 2, os participantes devem ser instigados a:

- Refletir e promover a consciência sobre seu comporta-

mento frente as situações de violência armada como as identificadas nas atividades em grupo do passo anterior;

- Conhecer os comportamentos mais seguros que ajudam a diminuir a vulnerabilidade por meio de medidas preventivas e medidas que limitam consequências;
- Identificar os locais mais seguros para abrigo.

Atividade em Grupo 3: Comportamento Frente ao Risco



Os facilitadores devem agora convidar os participantes a refletir sobre **qual é a sua percepção sobre seus próprios comportamentos frente a situações de risco** a partir dos sinais observados em seu território.

Veja como fazer:

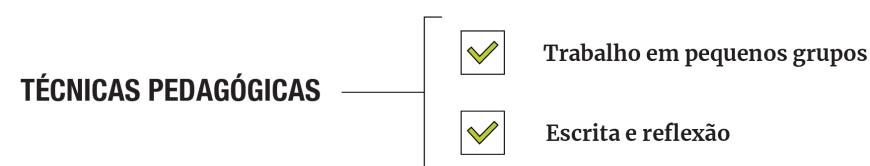
- 1) Divida novamente os participantes em grupos;
- 2) A cada grupo entregue uma cartolina ou papel craft e caneta pilot;
- 3) Peça aos participantes que dividam a cartolina/papel craft em 4 colunas: na parte superior da primeira coluna, devem escrever a palavra “SINAIS”; e na parte superior da segunda coluna, “RISCOS”;
- 4) Entregue **6 papéis autocolantes**: peça que escrevam nos papéis **três sinais** que já identificaram no seu território e **três riscos** aos quais já foram expostos relacionados a estes sinais, e peça que colem nas colunas correspondentes.

Se os participantes não identificarem sinais ligados aos riscos aos quais já foram expostos, estimule a identificação de sinais com perguntas como: “Não observaram algo diferente no território? Como identificou que havia um risco?”

- 5) Dê alguns minutos para as equipes realizarem a tarefa;
- 6) Finalizado o tempo, peça que escrevam na parte superior da terceira coluna “ATITUDES TOMADAS” e, na parte superior da quarta coluna, “O QUE DEVERIA TER FEITO”;
- 7) Em seguida, faça as seguintes perguntas e peça que escrevam na quarta e na quinta colunas:
 - **Que atitudes tomaram quando notaram estes riscos? Escreva na terceira coluna.**
 - **Que comportamentos acham que deveriam ter tido frente a estes riscos?**

- 8) Dê mais alguns minutos para as equipes realizarem a tarefa;
- 9) Lembre ao grupo que as respostas devem ser o mais fidedignas possível, sem receio de julgamentos. A ideia do exercício é analisar como riscos iguais podem gerar diferentes reações se não organizamos previamente que conduta tomar.

O resultado desta atividade pode revelar duas situações: que as ações realizadas estão de acordo com o que o grupo pensa que deveria ter sido feito, ou que as ações foram inadequadas, divergindo do que o grupo pensa que seria a ação ideal frente ao risco. Ao final da atividade, as equipes apresentarão o resultado da discussão.



O exercício leva os participantes a observar a multiplicidade de ações que surgem a partir da mesma situação de risco. Isto pode ser comparado a uma situação de risco na escola: frente ao mesmo risco as pessoas tendem a ter comportamentos diferentes, e nem sempre agem da maneira adequada, mas a gestão do risco implica uma resposta comum, sistematizada, frente ao mesmo risco.

Nesta perspectiva, é preciso compreender que o tratamento de alguns riscos pode gerar outros riscos. Ou seja, ações tomadas a partir das situações de risco identificadas podem expor a novos riscos.

EXEMPLO

Digamos que, ante uma situação de risco, os responsáveis decidam dirigir as pessoas a um local mais seguro dentro da escola. No entanto, se este local for distante de onde os profissionais e beneficiários estão no momento da crise, surge o risco de serem alvejados durante seu deslocamento. Logo, o tratamento do risco gera um novo risco. Outro exemplo que podemos citar é quando se decide, frente a uma situação de risco, fechar as portas da escola imediatamente. Ao agir desta forma, um novo risco surge para os beneficiários que porventura estivessem a caminho da escola na busca de um local mais seguro para se abrigar de serviços imediatamente. Ao agir desta forma, um novo risco surge para os beneficiários que porventura estiverem a caminho da unidade na busca de um local mais seguro para se abrigarem.

É importante ter consciência dos comportamentos frente às situações de risco. Em várias ocasiões, por não se estar preparado, atitudes instin-

tivas são tomadas e, quando agimos assim, nem sempre agimos da forma mais segura.

É preciso ter em mente que, se temos agido sempre da mesma forma frente a um determinado risco sem consequências negativas, isso não significa que estávamos agindo da forma mais adequada.

Neste ponto da capacitação, os participantes já terão noção dos conceitos básicos da **gestão de riscos** e de como **observar os sinais nos auxiliam a identificá-los**. As situações de violência armada, como as identificadas anteriormente, podem afetar as pessoas tanto física como emocionalmente, situações que logicamente gostaríamos de evitar.

Nesta perspectiva, deve-se ressaltar que, **conhecendo e adotando comportamentos mais seguros** e realizando todas aquelas ações que nos ajudam a identificar os perigos e reduzir os riscos, **é possível reduzir e mitigar as consequências da violência armada**.

Novamente: **o risco zero não existe**, e é fundamental que haja esta compreensão, mas os comportamentos mais seguros podem mitigá-los e minimizar os riscos aos quais estamos expostos.

Trata-se, portanto, de ações que devem ir além da teoria, pois esta, por si só, não nos leva necessariamente à adoção de comportamentos mais seguros na prática. E se não nos leva à prática, não tem nenhuma ação sobre a redução da vulnerabilidade das pessoas.

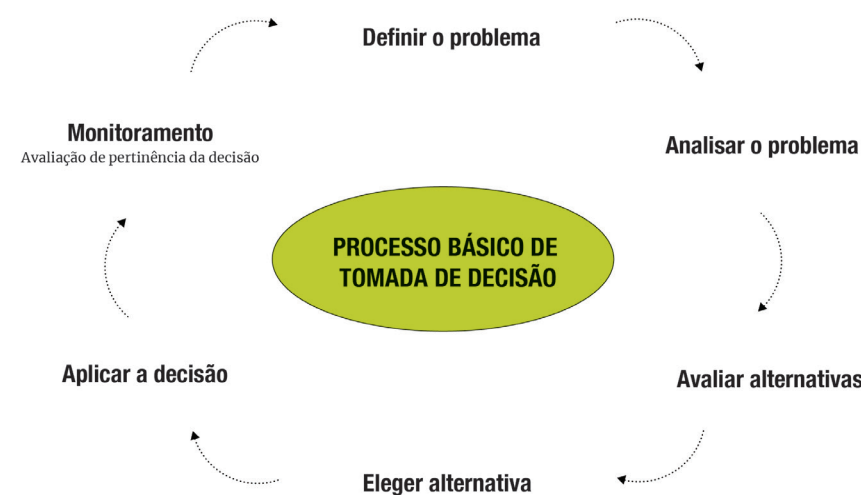
Uma vez conhecidos os conceitos, é vital que sejam **colocados em prática**, de tal maneira que se traduzam em ações cotidianas, em atitudes adotadas no dia a dia. E isto parte de uma **motivação e decisão pessoal**, que os facilitadores devem fomentar em cada profissional que passará pela Oficina de CMS.

Cada profissional é responsável pela sua decisão de adotar medidas mais seguras em seu dia a dia, ou de deixá-las passar, e esta pode ser a diferença entre salvar uma vida ou não. Afinal, tudo se trata de decisões.

A tomada de decisão segue um ciclo lógico, em um processo básico onde devemos, em um primeiro lugar, **definir o problema e analisá-lo**. Em seguida, é preciso **avaliar as alternativas** viáveis para sua resolução e **eleger a melhor alternativa**. O próximo passo é **aplicar a decisão** tomada para a solução daquela determinada situação. Todas as tomadas de decisão devem ser monitoradas, para viabilizar a **avaliação constante da pertinência da decisão**. O processo se reinicia a cada nova definição de um problema.

O problema deve inicialmente ser definido e analisado (p.ex.: A violência armada existe no local onde atuo e reconheço seu impacto), para que em seguida sejam pensadas alternativas para solucioná-lo (p.ex.: Não

fazer nada? Ou gerir os riscos?), possibilitando a tomada de decisão (p.ex.: Adotarei a partir de agora comportamentos mais seguros no meu dia a dia de trabalho e em momentos de risco e crise que eu possa vivenciar, a fim de reduzir a minha exposição, a da minha equipe e a das pessoas que frequentam a escola – alunos e familiares).



Em sequência a esta compreensão do processo, os facilitadores devem agora entrar nos conceitos propriamente ditos de comportamentos mais seguros.

I) COMPORTAMENTOS MAIS SEGUROS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA ARMADA

Comportamentos Mais Seguros (CMS) consistem em orientações sobre condutas e comportamentos que devem ser seguidos para minimizar danos para si mesmo e para a coletividade, a partir da adequada análise do território, das observações dos sinais e da identificação dos riscos. É preciso lembrar que:

- É responsabilidade de todos os profissionais reduzir a exposição ao risco para otimizar a segurança no cotidiano escolar;
- Todos os profissionais são responsáveis por realizar diariamente a análise do contexto e agir no sentido de minimizar seus riscos;
- Todos os profissionais devem informar à gestão qualquer informação de segurança relevante. Os meios pelos quais esta comunicação será realizada, e a quem comunicar, devem ser pactuados previamente, de acordo com o organograma da Secretaria de Educação, das unidades de serviço e da direção da escola;

- Todos os profissionais devem ter uma boa atitude profissional, incluindo atitudes pessoais adequadas, que devem sempre respeitar os códigos de conduta e as regras que regem a instituição onde atuam;
- É importante ressaltar que, se uma pessoa agir contra as regras de Comportamento Mais Seguro, ela poderá colocar as outras em risco.

Deve-se sempre lembrar que a adoção de determinados comportamentos não eliminará o risco (como já vimos neste Guia: não existe risco zero), mas propõe reduzir o impacto dos riscos identificados por meio de seu gerenciamento.

Estas orientações comportamentais nada mais são que uma organização de procedimentos e condutas muitas vezes já utilizados pelos profissionais que atuam em territórios vulneráveis, construídos e adotados ao longo do tempo a partir de sua própria experiência no território e junto à comunidade. Mas é de fundamental importância que estes comportamentos sejam adotados de forma organizada e padronizada, replicados aos novos funcionários, e não adotados apenas no momento da crise, mas a todo momento, no dia a dia de trabalho, para que efetivamente se traduzam em redução dos níveis de risco para os profissionais e beneficiários das escolas.

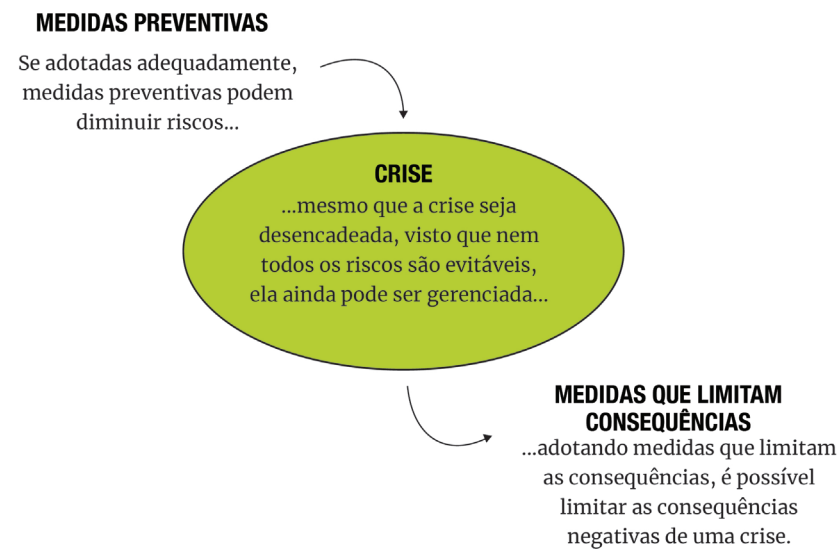
Podemos dividir os CMS em dois tipos de medidas: **Medidas Preventivas** e **Medidas que Limitam Consequências**:

- 1) **Medidas Preventivas:** São os comportamentos mais seguros que, quando adotados adequadamente, no dia a dia da escola, reduzem a possibilidade de um risco se concretizar e gerar uma crise de segurança. São atitudes e condutas preventivas, que diminuem a exposição dos profissionais e beneficiários a situações de risco.
- 2) **Medidas que Limitam Consequências:** Partindo do princípio de que nem todos os riscos são evitáveis, ademais de todos os comportamentos mais seguros preventivos, uma situação de crise de segurança pode se instalar. Neste caso, algumas medidas podem ser realizadas para diminuir seu impacto e reduzir as consequências humanitárias.

A) MEDIDAS PREVENTIVAS

Consideram-se medidas preventivas todos aqueles comportamentos e atitudes que, se adotados pelos profissionais em seu dia a dia de trabalho, podem se traduzir em redução dos riscos em áreas de vulnerabilidade à violência armada.

Com relação a estes comportamentos e atitudes, é de fundamental importância que:



- Todos os profissionais tenham ciência das regras e leis que regulam sua atuação e as respeitem em sua integralidade;
- A percepção e a imagem da escola, que também dependem da atitude individual de cada profissional, sejam mantidas e protegidas em todos os momentos, para a garantia da aceitação da instituição na comunidade.

A seguir, elencamos **recomendações de Comportamentos Mais Seguros que ilustram medidas preventivas** que devem ser adotadas diariamente pelos profissionais a fim de minimizar a exposição aos riscos:

1) Analise o contexto diariamente!

- ✓ **Conheça o território e as regras locais!**
Observe o território onde atua, compreenda os sinais normais e os que indicam que algo está fora do comum (e que podem indicar riscos).
- ✓ **Atenção aos sinais!**
A situação é dinâmica e pode mudar a qualquer momento. Observe sempre os sinais do território!
- ✓ **Observe com atenção qualquer movimentação ou atitude suspeita!**
Agressores geralmente observam seus alvos antes de agir. Eles ficarão mais hesitantes em realizar uma abordagem se seu alvo estiver em alerta.
- ✓ **Mantenha-se em alerta!**
Especialmente quando entrar e sair do território.

✓ **Comunique-se sempre com parceiros no território!**

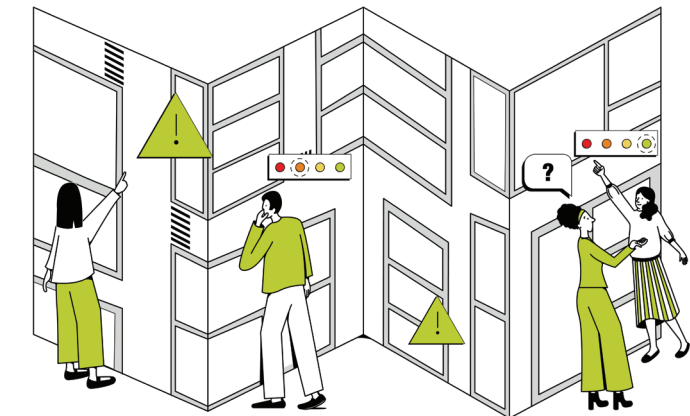
Estabeleça previamente uma boa relação com profissionais de outras unidades de serviços do mesmo território e pessoas da comunidade. Essas relações podem contribuir para a checagem da situação do território.

2) Esteja preparado!

✓ **Identifique e memorize locais mais seguros!**

→ **Na escola:** Saiba onde se abrigar para se proteger, e por onde sair se houver necessidade de evacuação, caso haja mais de uma saída na escola.

→ **Na comunidade:** saiba em que local da comunidade po-



derá se abrigar em caso de necessidade. Saiba as rotas mais seguras por onde passar e por onde não passar, em caso de necessidade de evacuação do território. Conheça rotas alternativas.

✓ **Quando for sair para atividades externas à escola:**

→ **Informe-se sobre as condições do território:** quando for realizar atividades externas à unidade de serviços, colete informações atualizadas sobre o local aonde vai antes de sair e no caminho, caso seja uma localidade mais distante.

→ **Comunique aos outros profissionais:** sempre informe aos outros profissionais de sua equipe aonde vai, qual o tempo programado para a atividade externa e a que horas pretende retornar.

✓ **Tenha sempre à mão os telefones importantes!**

Em caso de alguma emergência, deve-se ter à mão uma lista com os telefones mais importantes. Isso viabiliza ações rápidas que limitam consequências.

✓ **Sempre ande com seus documentos!**

Especialmente quando for entrar e sair do território e em

atividades externas, tenha-os sempre à mão. Eles podem ser solicitados no caso de uma abordagem.



3) Atenção para a apresentação pessoal!

✓ **Evite exibir sinais de riqueza!**

Quando estiver no exercício de suas atribuições, evite chamar atenção para si expondo relógios caros, joias, *smartphones* caros.

✓ **Utilize identificação institucional:**

Use crachás de identificação com o logo da instituição diariamente, sobretudo quando circular no território.

Em caso de perda dos documentos, informe imediatamente sua supervisão, chefia e responsáveis.

✓ **Atenção às regras locais de vestimenta!**

Evite uso de óculos escuros e bonés, pois eles dificultam sua identificação em caso de abordagem. Em algumas comunidades também existem restrições quanto a determinadas cores de vestimenta. Mantenha-se informado para não se colocar em risco.



4) Evite sempre!

✓ **Fazer ou compartilhar fotos e filmagens em áreas vulneráveis!**

Evite fotografar ou filmar regiões vulneráveis à violência armada. Caso as receba por mensagem de celular, apague

imediatamente. Nunca as compartilhe ou salve em seu álbum de fotos!

✓ **Locais conhecidamente perigosos:**

Utilize as rotas mais seguras previamente estabelecidas. Não utilize nunca rotas por locais conhecidamente perigosos, mesmo que sejam mais curtas ou se estiver com pressa. Não se exponha a riscos desnecessariamente. P.ex.: ruas desertas ou mais escuras, ruas onde há presença de atores armados.

✓ **Andar sozinho em áreas mais vulneráveis!**

Procure sempre andar em grupos, principalmente à noite.

✓ **Pegar armas e munições abandonadas!**

O perigo de se ferir com armas e munições usadas durante um confronto armado infelizmente não acaba junto com ele. Nunca pegue esses artefatos, pois eles representam um perigo.



5) Atenção ao acessar o território de carro!

✓ **Atenção às regras locais!**

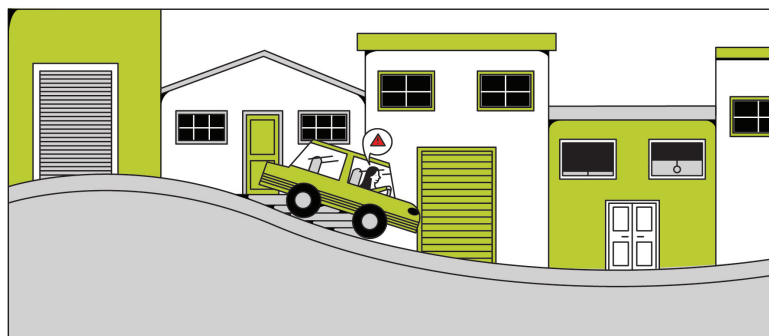
Tenha atenção às regras locais ao circular de carro em uma área de vulnerabilidade, especialmente ao entrar e sair do território. P.ex.: abrir janelas, ligar os faróis, etc.

✓ **Evite uso de películas muito escuras nas janelas!**

Películas muito escuras nas janelas do carro dificultam sua identificação.

✓ **Evite dirigir sozinho, especialmente à noite!**

Dirigir sozinho em área de vulnerabilidade pode representar um risco. Se não puder evitar, redobre a atenção, especialmente se precisar circular à noite. Lembre-se de utilizar a luz interna do carro para facilitar reconhecimento.



B) MEDIDAS QUE LIMITAM CONSEQUÊNCIAS

Consideram-se medidas que limitam consequências todos aqueles comportamentos e atitudes que, quando adotados durante uma crise de violência armada, podem se traduzir em redução das suas consequências humanitárias.

A seguir, elencamos as recomendações de CMS que devem ser adotados pelos profissionais durante uma situação de crise de segurança, a fim de limitar suas consequências.

Como não é possível prever e descrever todas as formas e situações de violência armada para planejar estratégias específicas para sua mitigação, as melhores práticas a se adotar são as que descreveremos em seguida.

1) Em caso de assalto e outras situações de violência armada

NOTA

Lembre-se de que, em caso de assalto, é normal que o assaltante esteja tenso e nervoso diante da ação. Logo, procure sempre manter a calma para não criar sensação de desconfiança ou perigo para o assaltante. Ele deseja que sua ação seja realizada o mais rápido possível, e uma alteração no “roteiro” do assalto pode tornar a situação ainda mais perigosa.

✓ **Procure manter a calma: RESPIRE!**

Manter a calma ajuda a eleger soluções com mais clareza. Neste momento é preciso agilidade de raciocínio, e um descontrole emocional não vai ajudar. Lembre-se de que ter medo é uma reação normal diante do perigo, mas tente controlar as emoções para agir da forma mais racional possível. Respirar ajuda!

✓ **Obedeça rapidamente às ordens do agressor!**

Faça o que está sendo solicitado da forma mais rápida possível, mas **EVITE MOVIMENTOS BRUSCOS**: tenha às mãos sempre à vista e informe todos os movimentos que irá fazer. P.ex.: se precisar mexer no bolso ou retirar o cinto de segurança do carro.

✓ **Nunca reaja! Reagir é uma conduta de altíssimo risco!**

- Não tente fugir;
- Não tente negociar;
- Não responda a agressões físicas ou verbais;
- Evite contato visual com o agressor: não encare para que ele não tenha receio de ser reconhecido posteriormente.

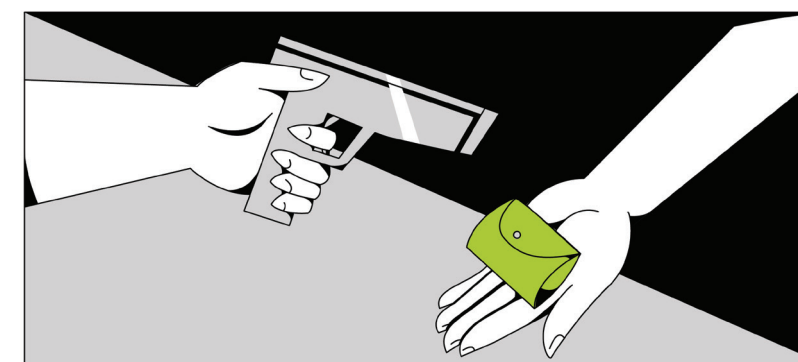
✓ **Saia do local do assalto!**

Após o assalto procure sair o mais rápido possível do local, sem olhar para trás.

✓ **Informe os seus colegas de trabalho logo que possível!**

✓ **Não use o telefone antes de sair da situação de risco!**

Em caso de assalto e outras situações de violência, lembre-se da regra de ouro: se estiver sob ameaça de arma de fogo ou qualquer outra arma, não resista, não reaja, não tente salvar seus pertences. Siga as instruções dos atores para que a ação termine o mais rápido possível!



2) Em caso de tiroteio

Se estiver no território:

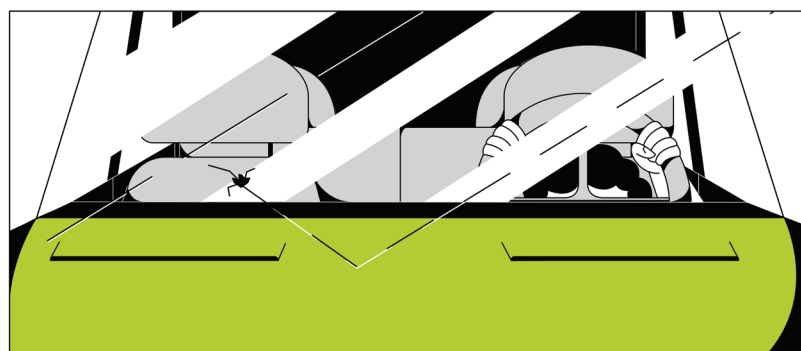
- ✓ **Abaixe-se rapidamente!** Ao ouvir som de tiros, a primeira coisa a fazer é abaixar-se rapidamente e proteger a cabeça, colocando as mãos sobre ela;
- ✓ **Assim que possível, procure um abrigo!** Procure estruturas de material mais resistente com concreto ou uma barreira robusta entre você e o som de onde vêm os tiros;
- ✓ **Atenção! Se tiver que se deslocar para um local (abrigo ou local mais seguro):** faça-o sempre abaixado ou rastejando, e o mais rapidamente possível;
- ✓ **Quando a situação se amenizar:** procure acessar o local mais seguro na comunidade previamente identificado;
- ✓ **Quando terminar o tiroteio e você verificar que a situação normalizou:** saia do local (retorne à unidade de serviços ou saia do território – o que for mais viável);

- ✓ **Nunca se esqueça de avisar à sua equipe de trabalho quando estiver em segurança!**



Se estiver dentro de um veículo:

- ✓ **Se o veículo estiver em movimento:**
 - Projeta-se o máximo que puder, abaixando-se o máximo possível ao nível do volante do carro;
 - Se possível, fique na posição de segurança (abaixado com as mãos protegendo a cabeça);
 - Se tiver passageiros, eles devem seguir as mesmas orientações;
 - Se o tiroteio for no mesmo sentido ao qual se dirige, procure pegar uma via lateral, mude de direção, tentando sempre se afastar do local de onde vêm os tiros.
- ✓ **Se o veículo estiver parado:**
 - Saia do carro escorregando pelo banco e protegendo-se rapidamente atrás das rodas dianteiras ou traseiras, sempre fazendo do veículo uma proteção entre você e o som de onde vêm os tiros, enquanto verifica um local mais adequado para se abrigar.



Se estiver dentro da escola:

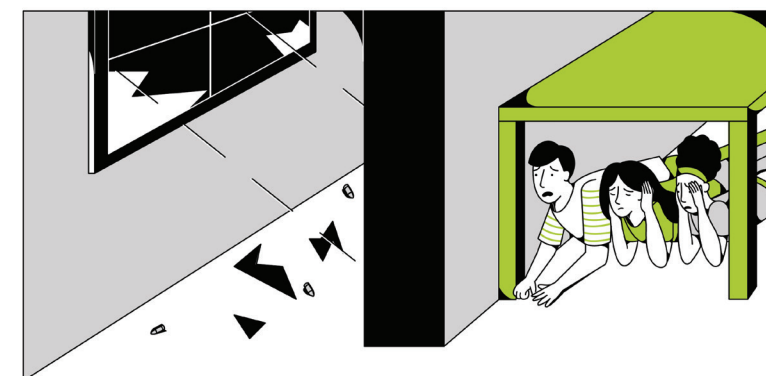
- ✓ **Ao ouvir som de tiros:**
 - Abaixar-se imediatamente, assumindo a posição de segurança: oriente os alunos a fazerem o mesmo, deitando-se no chão;

- Se necessitar movimentar-se, faça-o sempre em posição abaixada ou rastejando;
 - Evite ficar perto de janelas, portas e vãos;
 - Logo que possível, cheque a existência de feridos que necessitem auxílio;
 - **Vá para o Local Mais Seguro!** Logo que possível, dirija-se e oriente os alunos para o local mais seguro na escola, conforme previamente estabelecido. Permaneça neste local, na posição de segurança, até que a situação se amenize;
- ✓ **Nunca seja curioso! Evite condutas de alto risco!**
 - Evite olhar pela janela durante o tiroteio: só cheque se a situação amenizou quando não ouvir mais o som dos tiros;
 - Evite tirar fotos e/ou fazer vídeos durante o tiroteio;
 - Só saia do local mais seguro quando a situação amenizar.

- ✓ **Procure informar-se junto aos parceiros no território!**

Troque informações com profissionais que atuam no mesmo território ou pessoas que possam trazer atualizações sobre a situação local para que você possa agir em conformidade.
- ✓ **Nunca saia imediatamente após o tiroteio!**

Existe sempre a possibilidade iminente de recomeçar a troca de tiros. Aguardar algum tempo é um comportamento mais prudente e seguro e pode resguardá-lo de ser pego de surpresa. Se necessário, volte a contatar os seus parceiros para tomar esta decisão!



Se houver necessidade de evacuação:

Nos casos de crise de segurança mais graves, quando há a necessidade de fechamento da escola e evacuação dos profissionais e beneficiários, algumas condutas devem ser observadas:

- ✓ **Nunca saia sozinho!** Sair em grupos diminui a vulnerabilidade de todos.

- ✓ **Lembre-se da Rota de Evacuação!** Os profissionais devem conhecer previamente o território e saber por onde devem ou não passar em uma situação de crise. Se possível, tenha mais uma rota de evacuação e avalie qual a melhor opção no momento da situação.
- ✓ **Defina pontos de encontro!**
- ✓ **Orienta também alunos e familiares quanto aos procedimentos a seguir!** Caso estejam na escola, devem ser liberados em grupos e orientados a seguir pela rota mais segura.



II) IDENTIFICANDO OS LOCAIS MAIS SEGUROS

A identificação prévia de locais mais seguros é de fundamental importância na gestão de riscos. Em situações onde há exposição a riscos, como após os terremotos, e em casos de incêndio, a regra básica é evacuar. Como estas são as situações para as quais as pessoas têm maior preparo, acaba-se pensando, de forma errônea, que esta é a melhor decisão frente a qualquer tipo de risco.

No entanto, em situações de violência armada, como confrontos armados, à exceção de quando ocorre no interior da escola, não se evacua, mas sim se resguarda. Onde? **No Local Mais Seguro.**

Quando as pessoas estão dentro da escola e se encontram sob uma situação de risco ou uma crise de segurança, elas devem, se possível, direcionar-se de imediato ao local mais seguro da escola, que deve ser previamente escolhido em conjunto pela equipe escolar.

Quando estiverem em atividade externa ou a caminho da escola, devem procurar um abrigo ou um **local mais seguro na comunidade.**

Por estes motivos é imprescindível sua prévia identificação.

Mas, afinal, o que é um local mais seguro?

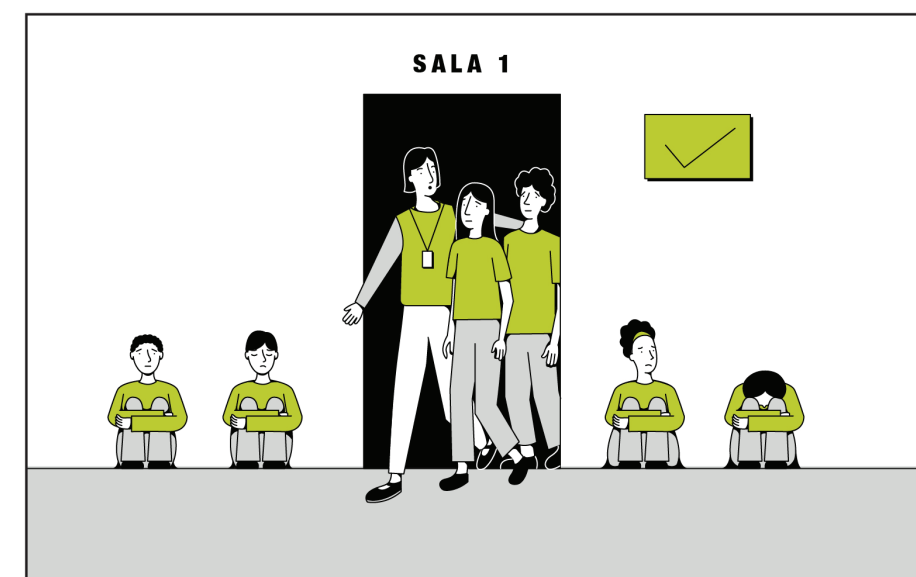
Um local mais seguro é um espaço mais resguardado, onde devemos

permanecer de maneira temporária enquanto durar a crise de segurança, e que ofereça uma maior proteção.

É sabido que nem todas as escolas possuem condições ideais de infraestrutura. Mas, dentro da condição existente, devemos procurar áreas com as seguintes características:

- Com pelo menos duas paredes separando as pessoas da parte externa da escola;
- Distante de janelas, portas e vãos;
- Local onde as paredes possuem material resistente, como concreto.

Caso as pessoas estejam na comunidade em alguma atividade externa ou a caminho da escola, como já citado anteriormente, é preciso buscar alguma proteção, como uma mureta ou um meio-fio mais alto, ou algum **local mais seguro na comunidade**, como um estabelecimento comercial ou casa de morador com quem tem empatia e que provavelmente lhe dará abrigo. No caso de não poder se deslocar ao local mais seguro, utilize a **posição de segurança: deite-se no chão e coloque as mãos sobre a cabeça, protegendo-a.**



Exercício de Identificação de Locais Mais Seguros na Unidade de Serviços

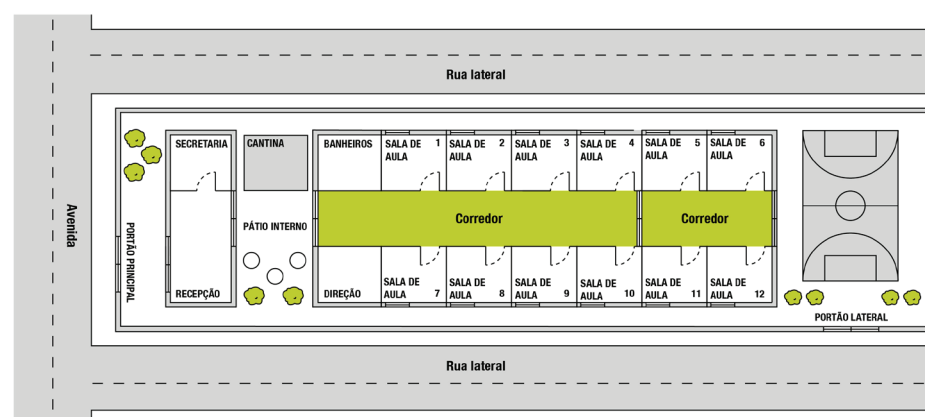
No final destas explicações, projete uma planta baixa de uma edificação e peça que os participantes apontem qual seria o local mais seguro para levar os alunos em caso de risco ou crise de segurança. Em seguida, exponha quais os possíveis locais de escolha e explique o porquê. O objetivo desta atividade é que os profissionais treinem a identificação de

locais mais seguros e compreendam a importância da identificação prévia destes locais.

É importante lembrar que a escolha deve ser pautada na lógica:

- Local longe de janelas, vãos e portas;
- Protegido por pelo menos duas paredes de material mais resistente.

Veja o exemplo que pode ser utilizado pelos facilitadores. Nesta escola com 12 salas de aula, podem ser escolhidos dois locais mais seguros, para onde os alunos devem ser conduzidos em caso de crise de segurança. Estes locais estão protegidos por mais de duas paredes da área externa da escola, e distantes da avenida principal, onde geralmente ocorrem os tiroteios:



PASSO 3) MULTIPLICANDO COMPORTAMENTOS MAIS SEGUROS

“A melhor maneira de ensinar é através do exemplo”

O objetivo do Passo 3 é orientar os participantes da Oficina CMS sobre como realizar a multiplicação do CMS, ou seja, como estimular a adoção dos comportamentos mais seguros na escola onde atuam e como identificar boas práticas para ensinar os comportamentos mais seguros aos alunos e outros profissionais que não participaram das oficinas.

Para que seja possível a modificação de comportamentos e atitudes que realmente gerem resultados para a mitigação de riscos no ambiente escolar, é necessário que todos os profissionais da escola e alunos estejam cientes da importância de adotar comportamentos mais seguros.

Embora a Oficina de CMS seja direcionada aos professores, diretores, orientadores pedagógicos, auxiliares de serviços gerais e outros profissionais que trabalham na escola, os alunos são a grande maioria do corpo escolar. Por isso, precisam estar inseridos neste processo e ser orientados da mesma forma para a adoção destas práticas.

Quando os comportamentos são aplicados por todos, aqueles que não o fazem aumentam seus riscos.

As imagens a seguir são exemplos reais que retratam como as escolas têm sofrido com situações de violência armada, e como estes eventos podem comprometer a integridade física e a vida de pessoas que compõem a comunidade escolar.

Neste momento da apresentação, projete imagens de janelas quebradas, marcas de balas em paredes das escolas, situações que transportam os participantes à realidade da violência armada no ambiente escolar.

Após expor as imagens, a pergunta que surge é: o que se deveria fazer então?



Nesta parte do processo, o grupo já tem um bom conhecimento do que precisa fazer e de como adotar os comportamentos mais seguros. Neste momento, os facilitadores devem levantar as seguintes questões:

- E aqueles que não participaram da oficina e também trabalham na escola, como devem proceder?
- E quanto aos alunos? O que eles devem fazer?
- Como multiplicar estas informações para que cheguem a todos e efetivamente tragam consequências reais?

Veja na atividade a seguir.

Atividade em Grupo 4: Os Alunos Adotam CMS Na Escola?



O objetivo desta atividade é convidar os grupos a discutir, analisar e colocar no papel algumas reflexões sobre as questões que serão projetadas na tela.

Veja como fazer:

- 1) Divida os participantes em pequenos grupos e entregue a um papel A4 a cada grupo;
- 2) Projete na apresentação as seguintes questões:

- A) Quais dos comportamentos mais seguros aprendidos não são aplicados pelos alunos?
- B) Por que se considera que os alunos não adotam estes comportamentos mais seguros?
- C) O que deveria ser feito para que os alunos* adotem CMS?

- 3) Dê alguns minutos para que os participantes discutam entre si e escrevam as respostas;



- 4) Os participantes devem apresentar suas respostas em devolutiva.

O exercício provavelmente apontará que os alunos não adotam em seu dia a dia comportamentos mais seguros, o que pode ocorrer por:

- Desconhecimento;
- “Naturalização” da violência: quando são comuns pensamentos e falas como “Nada vai me acontecer”, “Isso é normal professora, acontece todos os dias!”;
- Falta de consciência frente ao risco, entre outros.

Nestes casos, o que é preciso ser feito é sensibilizar, analisar e praticar CMS dentro da escola para mudarmos esta perspectiva.

Neste momento, os facilitadores podem lançar aos participantes as seguintes perguntas:

- Já que sabemos que os CMS não são adotados pelos alunos...
- E já que sabemos que é preciso adotar CMS para reduzir exposição aos riscos...
- Quais são as pessoas devem fazer isso e qual é a melhor forma de fazer?



Para promover esta reflexão, apresente o vídeo “*Multiplicando Comportamentos Mais Seguros na Escola*”, disponível por meio do QR Code ao lado.

**Para fins deste Guia e para esta técnica pedagógica, consideramos alunos na adolescência, com idades de 12 a 18 anos. Para trabalhar com outras faixas etárias, essa e outras atividades propostas ao longo do guia podem ser facilmente adaptadas.*

Após a exibição do vídeo, os facilitadores devem levantar as seguintes questões para fomentar a reflexão:

Os alunos do vídeo conhecem e adotam comportamentos mais seguros?
E quem os ensina a adotar CMS?

A ideia dessa atividade é transmitir aos participantes que todos devem saber o que fazer para se proteger, e que os professores têm toda a capacidade de ensinar comportamentos mais seguros aos seus alunos. O mesmo se passa com relação aos comportamentos mais seguros.



Em seguida, os participantes devem ser agora convidados a promover os comportamentos mais seguros junto aos alunos.

Mas como fazer a multiplicação de CMS na escola?

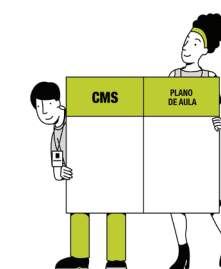
A melhor forma de fazer a multiplicação de Comportamentos Mais Seguros na Escola para os alunos é por meio de sensibilização e orientação teórica, que os norteará sobre a importância da adoção de CMS no dia a dia e durante uma crise de segurança, além de praticar, por meio de um simulado, as ações que devem ser tomadas frente ao risco ou em uma situação de crise. Portanto, podemos dizer que a multiplicação de CMS na escola divide-se em duas partes:

- 1) **Aula de Comportamentos Mais Seguros**
- 2) **Simulado de Comportamentos Mais Seguros**

Para contribuir com os profissionais na construção de um plano de aula em Comportamentos Mais Seguros e como fazer um simulado, recomendamos as duas atividades a seguir.

Para realizá-las, divida os participantes novamente nos mesmos grupos.

Atividade em Grupo 5: Plano de Aula em CMS



- 1) Divida os participantes em pequenos grupos;
- 2) Entregue a cada grupo um **Cartão Plano de Aula** (Anexo 3) com o tema que devem abordar e um **Formulário de Observações sobre as Aulas** (Anexo 4)

- 3) Explique como os formulários devem ser preenchidos:
 - **Cartão “Plano de Aula”**: o grupo deve descrever, passo a passo, como realizaria para seus alunos uma aula sobre o tema CMS que receberão. Explique que o plano de aula deve ter: uma **introdução** sobre o assunto, uma **atividade dinâmica**, um **desenvolvimento** com explicação sobre o CMS e uma conscientização sobre a importância prática daquele comportamento, seguida da **conclusão da aula**;
 - No **Formulário de Observações sobre as Aulas**, cada grupo deve anotar o que achou interessante sobre os temas apresentados pelos outros grupos e que pode ser utilizado posteriormente, quando forem planejar na escola a aula de CMS para seus alunos.
- 4) Dê alguns minutos para que as equipes formulem o seu plano de aula;
- 5) Cada grupo terá **5 minutos para a apresentação**, em forma de encenação da aula;
- 6) Oriente como será a encenação:
 - Todos os membros do grupo deverão participar ativamente no planejamento e estruturação do plano de aula. Mas, na apresentação, apenas **um atuará como professor e os outros como alunos**;
 - Só os alunos poderão intervir no desenvolvimento da aula. As outras equipes apenas devem observar a encenação dos colegas;
 - Para selecionar quem representará o professor e quem serão os alunos, faça um sorteio: inclua em uma bolsa papéis com a palavra “alunos” e um papel com a palavra “professor”, de acordo com o número de participantes do grupo, e peça que cada participante pegue um papel;
- 7) Dê o tempo para a elaboração e, após os 30min, oriente os participantes para a devolutiva.



Ao final das apresentações de todos os grupos, realize uma plenária para que os relatores dos grupos leiam as observações anotadas no formu-

lário de observações. Explique que todos os temas que foram trabalhados nesta atividade são os recomendados para trabalhar a adoção de comportamentos mais seguros na escola com os alunos.

Apesar de ser uma atividade lúdica, que gera um momento de descontração, a proposta e objetivo da atividade é que os profissionais reflitam sobre como a multiplicação dos conceitos trabalhados podem ser facilmente realizados na prática, possibilitando a troca de ricas ideias com outros docentes sobre qual a melhor maneira de fazê-lo. O plano de aula elaborado nesta atividade, assim como as ideias anotadas no formulário de observações, pode ser útil não apenas para a replicação do CMS com os alunos, mas também com o grupo de profissionais que não participaram da Oficina.

Estimule que sejam guardadas estas anotações para contribuir com a elaboração do plano de aula de CMS que será ministrada na escola.

Atividade em Grupo 6: Simulado com os Alunos



Antes de explicar esta atividade cabe ressaltar alguns aspectos teóricos sobre a realização de um simulado de comportamentos mais seguros.

Realizar um simulado na escola é um dos pontos-chave para a preparação de alunos e professores, e pode ser decisivo no momento de uma crise de segurança. Estar preparado – saber o que fazer e para onde ir – pode salvar vidas.

Para realizar um simulado, precisamos pensar:

- De que se trata?
- O que implica?
- Por que parece tão complicado para as unidades escolares realizá-los?

Um simulado é um exercício cuja característica principal é a prática de alguns comportamentos mais seguros e procedimentos de resposta que devem ser previamente conhecidos, aprendidos e treinados.

A realização de um simulado permite avaliar a capacidade de resposta da escola frente a situações de risco, em especial as respostas imediatas frente a uma crise. Por exemplo, como se dá a movimentação para o local mais seguro e a evacuação das pessoas em caso de necessidade, transcendendo da teoria para a prática de forma dinâmica e interativa. **Quando realizado de maneira periódica, o simulado institucionaliza a cultura de prevenção e prepara as pessoas para uma crise.**

Quando realizado em uma escola, um simulado exige a movimentação de um grande número de pessoas, que seguem um protocolo preestabelecido, e o resultado pode identificar deficiências que devem ser melhoradas para o próximo simulado.

Após abordar estas questões fundamentais, dirija aos participantes a pergunta:

Por que é importante que a escola decida dedicar algum tempo, recursos, trabalho e esforço de todos os seus membros à realização de um simulado?

Anote as respostas e pontos-chave em um papel craft para a visualização de todos.

Mas por que realizar um simulado?

Vale destacar que, para além de cumprir uma obrigação legal ou administrativa da escola, o mais importante é atuar no sentido de proteger o valor supremo que é a vida. Para que os profissionais e alunos da escola estejam mais preparados para atuar nos momentos de crise de segurança e tenham “mais tranquilidade” em suas atitudes, é preciso:

- Aprender e praticar como se deve atuar em caso de emergência;
- Testar a capacidade de resposta institucional frente a uma situação de risco e frente a uma crise de segurança;
- Identificar com que tipo de respostas se pode contar, o que deve ser implementado/melhorado e quais atitudes podem ser tomadas para corrigir falhas do processo.

E como fazer um simulado?

Para mostrar aos profissionais como fazer um simulado na escola, os facilitadores podem realizar a seguinte atividade.

A primeira coisa que se deve fazer ao organizar um simulado é garantir que todos os profissionais, alunos e departamentos saibam o que devem fazer em um momento de risco ou crise.

Visto isso, define-se que tipo de cenário será simulado. Para fins desta atividade, encenaremos uma situação de tiroteio no entorno da escola.

Veja como fazer:

- 1) Cole folhas de papel A4 nas paredes, indicando os seguin-

tes ambientes dentro da escola:

- Sala de aula;
- Quadra de esportes;
- Sala da gestão/coordenação da escola;
- 2 Locais Mais Seguros na Escola;
- 1 Rota Mais Segura;

- 2) Separe os profissionais em três equipes da seguinte forma:

- 3) **Equipe Verde:** representará uma aula ocorrendo na sala de aula, na parte interna da escola. Um participante será o professor, e os demais serão os alunos.

- 4) **Equipe Azul:** representará uma aula de educação física ocorrendo na quadra de esportes, que fica na parte externa da escola. Um participante será o professor e os demais serão os alunos.

- 5) **Equipe Vermelha:** representará a direção da escola, que estará na sala da gestão/coordenação da escola. Um participante será a diretora os demais serão outros funcionários da gestão.

- 6) Explique aos participantes como será realizada a atividade:
 - Um facilitador dará o sinal de apito, que indicará que o tiroteio começou;

- As pessoas dos grupos **interromperão de imediato suas atividades e adotarão com prontidão a posição de segurança** (abaixado com as mãos na cabeça);

- Quando todos estiverem nesta posição, uma música será tocada e todos devem permanecer na posição de segurança até que a música termine (aproximadamente 2 minutos);

- Terminado o tempo, o facilitador dará outro apito, sinalizando que a situação terminou;

- Neste momento, o **professor** de cada grupo deve:

- **Verificar a existência de feridos** entre os alunos e **informar de imediato ao diretor da escola** para que tome as providências necessárias;

- Logo que possível, **dirigir-se e orientar os alunos ao Local Mais Seguro** previamente estabelecido;

- No Local Mais Seguro: manter a posição de segurança e

acalmar os alunos (acolhimento), gerenciando a situação e o estresse;

→ No mesmo momento, o diretor e a coordenação da escola devem:

- Gerenciar o **cuidado com os feridos** (comunicação interna e externa);
- Realizar a **comunicação com familiares e comunidade** (comunicação externa);
- Quando possível, **dirigir-se ao Local Mais Seguro previamente estabelecido**;
- Quando possível, dirigir e orientar o fluxo de **evacuação da escola** pela rota mais segura.

É importante advertir os participantes de que **toda a ação descrita**, desde o apito inicial até a evacuação, deve completar-se em um tempo de **dez minutos**. Peça que todos tomem suas posições para iniciar a atividade. Lembre-se de avisar aos grupos quando faltarem cinco minutos e dois minutos para o fim da atividade. No minuto 10, um novo apito indicará o fim do exercício.

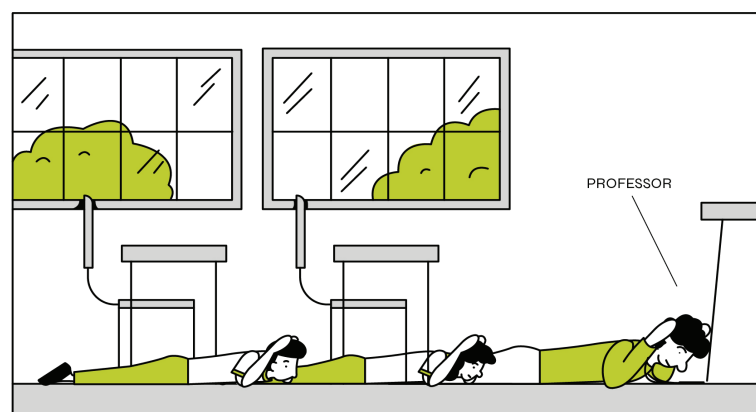
Terminada a atividade, concentre todos novamente e dispare as seguintes perguntas:

- Como se sentiram durante a realização do exercício?
- Como é estar na posição de segurança por 2 minutos?
- Achem que cumpriram os procedimentos preestabelecidos? Fizeram de maneira adequada?
- E o que acham que podem melhorar?

Anote as melhorias que os participantes pontuaram e repita o exercício para mostrar como a prática do simulado é importante para saber o que fazer em um momento de risco ou crise.

Este tipo de exercício põe à prova os comportamentos mais seguros.

Em seguida, explique o processo de organização de um simulado real, realizado na escola.



Planejamento

Antes iniciar o simulado, recomenda-se que seja organizado o planejamento de como ele será feito na escola, que deve envolver todos os profissionais e todos os departamentos.

Neste momento ocorre a sensibilização dos profissionais, para que tomem consciência do que é um simulado e qual a importância de sua realização.

Para tal, algumas perguntas devem ser respondidas, como:

→

Que tipo de cenário será estabelecido para a realização do simulado? P.ex.: ações em resposta a alguma situação de risco? Ações em um momento de crise? Deslocamento para o local ou para os locais mais seguros (lembrar que, nesta situação, os locais mais seguros já devem ter sido previamente sinalizados)? O que irão simular?

→ Quem é responsável por quais ações?

→ Quais departamentos farão quais tarefas?

O que faz cada professor e os orientadores pedagógicos, porteiros, merendeiros, auxiliares de serviços gerais?

→ Como cada profissional da escola atuará no simulado?

→ Quem orienta os alunos?

→ Quem orienta os familiares que estiverem na escola?

Quem se comunica com o nível central (chefia imediata/ponto focal do CMS a nível central)?

→ Quem se comunica com os familiares em caso de necessidade, e de que forma?

Quem se comunica, e com quem, em caso de feridos?

Como todas essas ações devem ocorrer de forma ágil e muitas delas simultaneamente, precisam ser previamente pensadas e descritas em um plano de contingência, que deve já ter sido elaborado no momento da realização do simulado. O Plano de Contingência CMS servirá como guia norteador das condutas em um momento de risco ou crise.

Após a preparação, os alunos deverão ser informados sobre a realização do simulado, o que devem fazer (seguir as orientações dos professores e o que foi orientado na aula de CMS) e quando deve ocorrer. O primeiro simulado sempre deve ser avisado. Após este, outros simulados podem ocorrer sem ser necessário um aviso prévio, e isto também deve ser informado aos alunos.

Para que as pessoas estejam verdadeiramente preparadas e conscientes

do que fazer em um momento de crise, é **importante que os simulados sejam realizados periodicamente**. A conduta repetida e sistematizada contribuirá para garantir que tomadas de decisão mais acertadas sejam colocadas em prática.

É importante destacar que o simulado somente deve ser realizado após os alunos terem passado pelas aulas de comportamentos mais seguros.

Simulado

Quando a escola se encontra pronta, está no momento de efetuar o simulado. Os alunos neste momento também são envolvidos, e orientados a sempre seguir a orientação dos professores, lembrando das orientações recebidas na aula de comportamentos mais seguros.

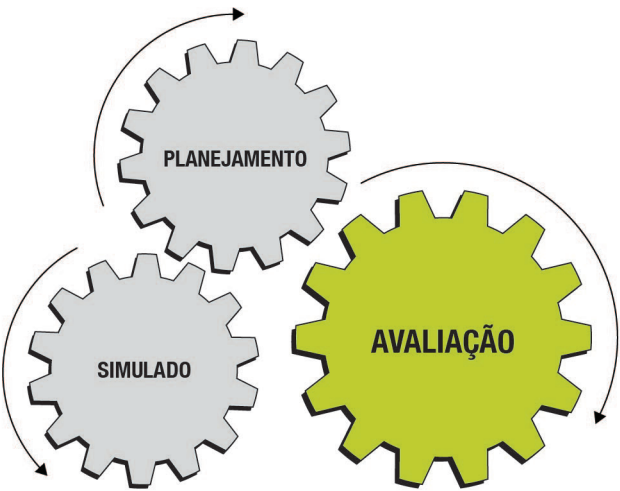
Avaliação

O momento da avaliação é um momento importante, onde todos os profissionais responsáveis pela CMS na escola devem se reunir para analisar e compreender quais foram os pontos positivos e negativos, a fim de melhorar a capacidade de resposta frente a riscos e situações de crise. Ao final de todos os simulados, estas avaliações devem ser realizadas para validar coletivamente as ações que foram satisfatoriamente conduzidas e propor novas estratégias para as falhas ou deficiências identificadas.

A ideia é sempre agir no sentido de diminuir o tempo de resposta, o que beneficia a proteção de todos, bem como reduzir a exposição de profissionais e beneficiários às situações de violência armada.

Os facilitadores devem orientar aos profissionais que utilizem os materiais elaborados nas atividades em grupo e as experiências aprendidas durante a oficina para aprimorar a multiplicação do CMS na escola. Devem contar com as ferramentas didáticas disponibilizadas no Guia, mas também podem e devem utilizar outras ferramentas e instrumentos lúdicos, pedagógicos e didáticos que já existem na sua escola para ensinar comportamentos mais seguros.

Após finalizado o Passo 3, estamos próximos do final da Oficina de CMS. Aprendemos aqui como identificar sinais de riscos; como agir para prevenir e para limitar as consequências humanitárias que podem advir de uma situação de crise de segurança; e como multiplicar os CMS para a comunidade escolar. Agora, para finalizar a oficina, relembre estes conceitos em um retorno rápido aos pontos mais importantes trabalhados durante a oficina, como estão dispostos na seção a seguir



MENSAGENS-CHAVE



É fundamental que todos conheçam os comportamentos mais seguros, principalmente os alunos, que são o grupo mais numeroso da escola;



Quem deve chamar e convidar os alunos para a adoção de comportamentos mais seguros são os professores: ensine com exemplos e comece sempre por fazer você mesmo o que ensinará a seus alunos;



Use como ponto de partida o conhecimento anterior dos alunos sobre cada tema;



Ensine CMS aos seus alunos: mais do que simplesmente procurar que eles recebam informações e as memorizem, deve-se fomentá-los a compreender e tomar consciência da importância de adotá-las. Lembre-se: adotar comportamentos mais seguros é uma questão de decisão.

Dicas Importantes



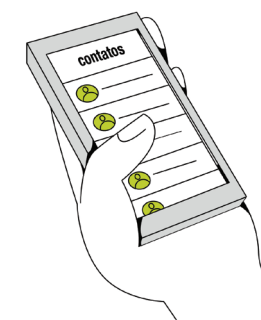
COLOCAR CMS EM PAUTA!

A discussão sobre a segurança e os comportamentos mais seguros deve ser ponto da pauta de reuniões de equipe. Aproveite esses momentos para fazer uma avaliação da situação geral de segurança do território de forma CONTÍNUA e DINÂMICA.



IDENTIFICAÇÃO

Nunca se esqueça do uso de identificação, como crachás, uniformes e camisetas. É importante que os profissionais e alunos sejam reconhecidos em caso de alguma emergência;



CONTATOS ATUALIZADOS

Criar ou atualizar a lista com os telefones de todos os profissionais da unidade é de extrema importância. Cada um deve ter essa lista em mãos para acessá-la facilmente em caso de necessidade. Ela possibilitará que os profissionais façam contato rapidamente para informar sobre uma situação de perigo;



REDE DE COMUNICAÇÃO

É necessário estabelecer previamente uma rede de comunicação com outras instituições próximas (escolas, unidades de saúde, creches, associação de moradores, igrejas, etc.). Isto contribuirá para a troca de informações no momento de risco ou crise.



COMUNICAÇÃO EXTERNA COM A COMUNIDADE

É importante manter sempre um diálogo cordial e sincero com os beneficiários, para que se sintam respeitados. Isto contribui também para a aceitação da instituição e dos profissionais no território.



IDENTIFIQUE E MEMORIZE OS LOCAIS MAIS SEGUROS

Identifique e memorize os locais mais seguros que existem na sua escola e as rotas de entrada e saída mais seguras, para utilizar em caso de crise;



SE FOR REALIZAR ATIVIDADES EXTERNAS À ESCOLA

Verifique tudo antes de sair no território! Checar insumos, logística de movimentação (utilize as rotas mais seguras) e não se esquecer dos procedimentos importantes para a realização das atividades externas;



ESTEJA ATENTO ÀS “REGRAS” LOCAIS

Para sua segurança, é importante saber das restrições de local ou horário específicas de seu território. Onde posso circular? Qual horário me oferece risco?

Chegamos aqui ao fim da oficina de CMS. Finalize-a com a ferramenta avaliativa “Que bom! Que pena! Que tal?” e guarde as contribuições dos participantes para posteriores análises do trabalho realizado.

Desejamos que facilitadores e profissionais logrem sucesso na implementação da metodologia de CMS, para que as lições aprendidas se traduzam de fato em resultados positivos, reduzindo as consequências humanitárias da violência armada em meio urbano e contribuindo para a prestação dos serviços públicos essenciais com mais segurança para profissionais e beneficiários.

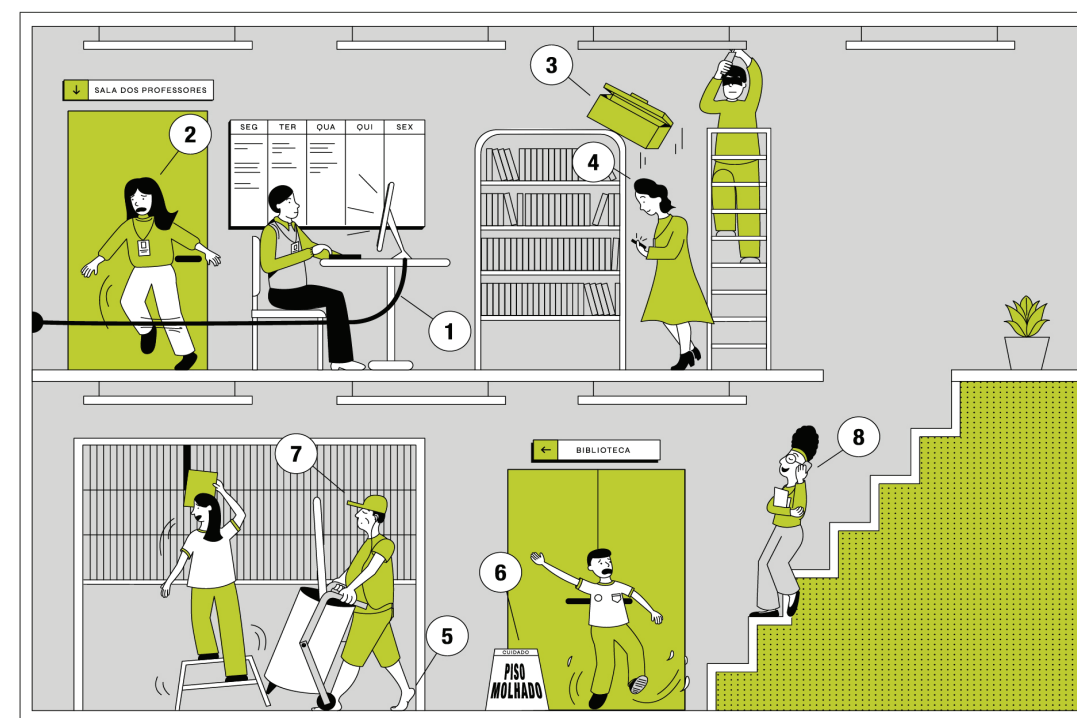
Quando adotamos comportamentos mais seguros, todos ganham.

Bom trabalho a todos.



ANEXO 1

Imagem dos 8 riscos



Respostas:

- 1) Mesa foi posicionada em local inadequado, esticando fio do computador e aumentando risco dos profissionais do escritório;
- 2) Desatenção da auxiliar. Se estivesse atenta, mitigaria risco (p.ex.: pular fio);
- 3) Atitude de risco ao posicionar caixa de ferramentas em local instável;
- 4) Desatenção impossibilita mitigar risco e sair para não ser atingido pela caixa;
- 5) Falta de proteção nos pés do funcionário aumenta risco;
- 6) Desatenção aumenta nível de risco de queda;
- 7) Desatenção aumenta risco e causa acidente;
- 8) Desatenção ao contexto aumenta risco de queda.

Estrutura com aspectos mínimos para a construção de um Plano de Contingência

NOTA

Este modelo não representa um plano de contingência exaustivo, mas apresenta aspectos mínimos para a estruturação e organização interna e externa de unidades escolares, que devem ser pensados e considerados para uma situação de risco ou crise. Estes aspectos também devem ser considerados no exercício do simulado. Os responsáveis elencados neste modelo serão aqueles que desencadearão os fluxos de comunicação e deslocamento dos profissionais e alunos para o local mais seguro ou para evacuação pela rota mais segura. É importante que todas estas atividades sejam coordenadas.

Escola: _____
Data: ____/____/____.

LOCAIS MAIS SEGUROS NA ESCOLA

Local para onde os profissionais e alunos devem se dirigir, e permanecer temporariamente, frente a uma situação de risco ou uma crise de segurança, quando for viável. A coluna "Quem Acessa" deve descrever as salas, turmas e departamentos que se deslocarão para o local definido na coluna 1.

Responsável na Escola: _____

Locais Mais Seguros na escola	Localização	Quem acessa

LOCAIS MAIS SEGUROS NA COMUNIDADE

Caso os profissionais e alunos estejam em atividade externa à escola e não consigam acessá-la, o local mais seguro na comunidade é para onde os profissionais e alunos devem se dirigir, e permanecer temporariamente, frente a uma situação de risco ou uma crise de segurança, quando for viável.

Responsável na Escola: _____

Locais Mais Seguros na comunidade	Localização	Quem procurar

ROTA DE EVACUAÇÃO (POR ONDE PASSAR)

Quando, em situações de risco ou crise de segurança de maior gravidade, for decidida a evacuação da escola, profissionais e alunos devem saber previamente por qual a rota ou rotas mais seguras devem seguir. Podem ser pensadas por ordem decrescente de priorização, ou divididas em sub-grupos. Por exemplo: caso uma rota seja melhor para algumas turmas e outra rota seja melhor para outras turmas, um profissional deve ser designado como o responsável na escola para pensar e coordenar o fluxo de evacuação.

Responsável na Escola: _____

Rotas de Evacuação	Localização
1ª	
2ª	
3ª	

POR ONDE NÃO PASSAR (LOCAIS CONHECIDAMENTE PERIGOSOS)

Locais conhecidos perigosos devem, sempre que possível, ser evi-

tados. Se houver estes locais no território próximo à escola, descrevê-los nesta seção. Como a violência é dinâmica, um profissional será o responsável na escola por identificar e estar atento à existência de locais por onde não se deve passar, além de orientar profissionais e alunos a não acessá-los, tanto no dia a dia como em circunstância de risco ou crise.

Responsável na Escola: _____

Por onde não passar	Localização detalhada

COMUNICAÇÃO INTERNA (INSTITUIÇÃO)

A comunicação interna se refere a como os profissionais se comunicam dentro da escola e com suas chefias diretas dentro da instituição. É preciso que o fluxo de comunicação interna seja pensado previamente.

Responsável na Escola: _____

Nome	Função na instituição	Telefone

COMUNICAÇÃO EXTERNA (PARCEIROS NO TERRITÓRIO)

Em um momento de risco, a comunicação externa com a comunidade pode contribuir com a checagem da situação do entorno para orientar tomadas de decisão mais assertivas. Um profissional deve ser o responsável na escola, não apenas para realizar contato com estas instituições parceiras frente a uma situação de risco, mas para mapear e estabelecer previamente estes vínculos. Exemplo de parceiros: outras escolas, unidades de saúde e de assistência social que compartilhem o mesmo território, moradores locais, etc.

Responsável na Escola: _____

Parceiros	Endereço	Telefone	Com quem falar

Não se esqueça de trabalhar em conjunto com as diferentes pessoas responsáveis e difundir a todos os interessados na escola. Quanto mais participativa for a elaboração do plano, mais fácil e estruturada será a sua aplicação.

Cartões para Planos de Aula de Comportamentos Mais Seguros

Comportamentos Mais Seguros Tema 1:	Plano de Aula
Aprendendo a reconhecer os sinais e identificar os riscos	Introdução
	Dinâmica
	Desenvolvimento (explicação e conscientização)
	Conclusão

Comportamentos Mais Seguros Tema 2:	Plano de Aula
Carregue sempre com você seus documentos de identificação	Introdução
	Dinâmica
	Desenvolvimento (explicação e conscientização)
	Conclusão

Comportamentos Mais Seguros Tema 3:	Plano de Aula
Evite sair ou olhar pela janela durante confrontos armado	Introdução
	Dinâmica
	Desenvolvimento (explicação e conscientização)
	Conclusão

Comportamentos Mais Seguros Tema 4:	Plano de Aula
Em caso de confrontos armados, adote a posição de segurança e siga as instruções dos professores	Introdução
	Dinâmica
	Desenvolvimento (explicação e conscientização)
	Conclusão

Comportamentos Mais Seguros Tema 5:	Plano de Aula
Identifique e saiba quais são as rotas seguras	Introdução
	Dinâmica
	Desenvolvimento (explicação e conscientização)
	Conclusão

Comportamentos Mais Seguros Tema 6:	Plano de Aula
Evite tocar, remover ou recolher: cápsulas, balas ou qualquer outro artefato explosivo	Introdução
	Dinâmica
	Desenvolvimento (explicação e conscientização)
	Conclusão

ANEXO 4

Formulário de Observações sobre Aulas de Comportamentos Mais Seguros

Temas de Comportamentos Mais Seguros (Mensagens-chave para alunos)	Observações sobre as aulas CMS
Aprendendo a reconhecer os sinais e identificar os riscos	
Leve sempre com você seus documentos de identificação	
Evite sair ou olhar pela janela durante confrontos armados	
Em caso de confrontos armados, adote a posição de segurança e siga as instruções dos professores	
Identifique e saiba quais são as rotas seguras	
Evite tocar, remover ou recolher: cápsulas, balas ou qualquer outro artefato explosivo	

Ajudamos as pessoas afetadas por conflitos armados e outras situações de violência no mundo inteiro, fazendo todo o possível para proteger a vida e a dignidade delas e para aliviar o seu sofrimento, com frequência em conjunto com os nossos parceiros da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. Buscamos também evitar o sofrimento com a promoção e o fortalecimento do Direito Internacional Humanitário (DIH) e a defesa dos princípios humanitários universais.

As pessoas sabem que podem confiar que realizaremos diversas atividades para salvar vidas, trabalhando de perto com as comunidades para compreender e atender as necessidades delas. A nossa experiência e o nosso conhecimento nos permitem responder de maneira rápida e eficaz, sem tomar partido.

Delegação Regional para Argentina,
Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai
SHIS QI 15 Conj. 05, Casa 25,
Lago Sul, 71635-250
+55 61 3106-2350
+55 61 3148-7908
bra_brasilia@icrc.org.br



CICV

 facebook.com/cicv
 twitter.com/cicv_br
 @cicv_oficial

www.cicv.org.br
CICV, Julho 2019

ISBN: 978-65-87394-02-2

